

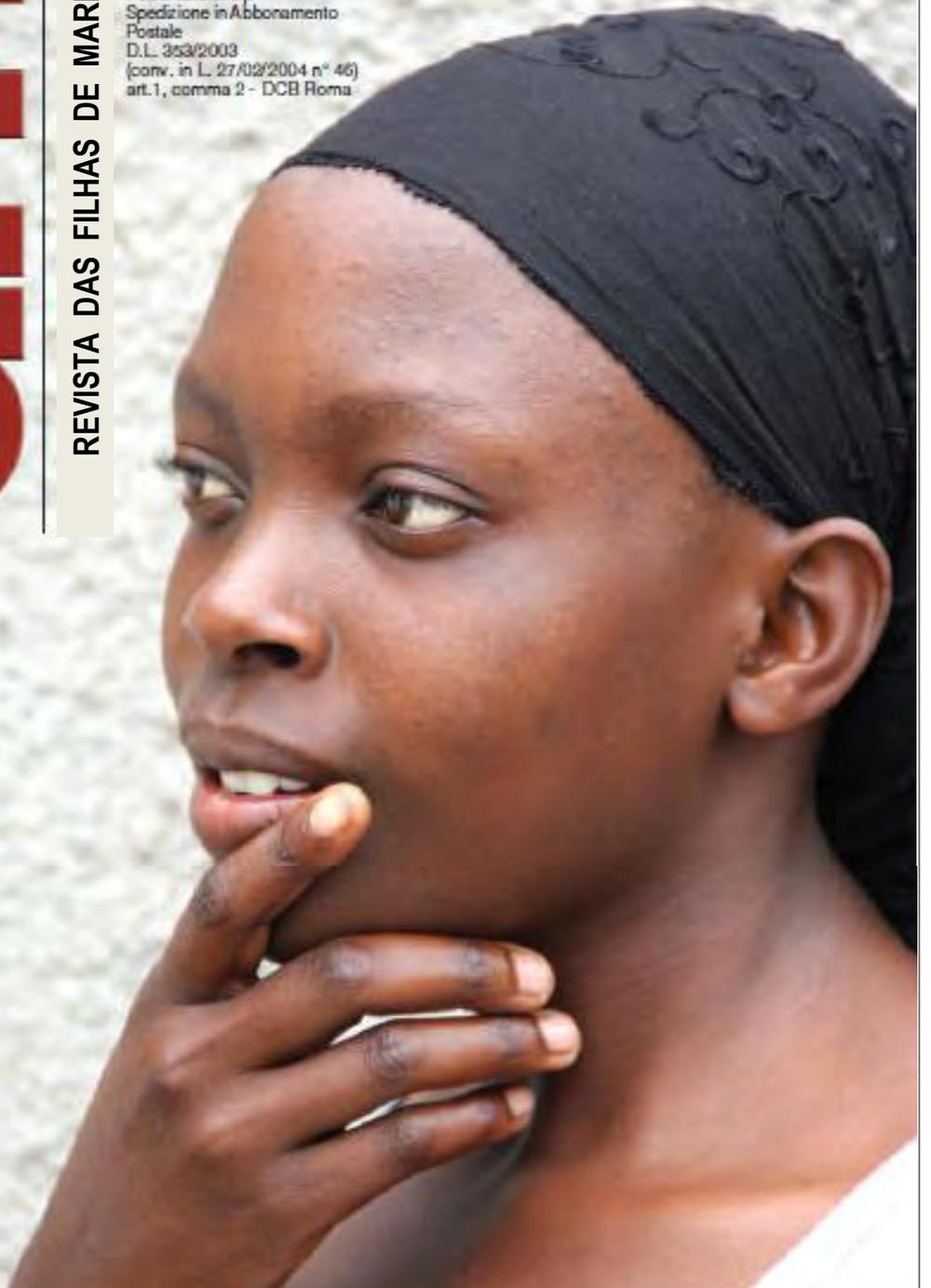
alma

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

2015

Anno LXII Mensile
n. 7/8 Luglio/Agosto

Poste Italiane SpA
Spedizione in Abbonamento
Postale
D.L. 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46)
art. 1, comma 2 - DCB Roma



ALARGAI O OLHAR: ANÚNCIO

dma

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma
tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06
e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Maria Helena Moreira

Gabriella Imperatore

Colaboradoras

Maria Américo • Julia Arciniegas

Patrizia Bertagnini • Mara Borsi

Carla Castellino • Piera Cavaglià

Maria Antonia Chinello

Anna Rita Cristaino • Emilia Di Massimo •

Dora Eystenstein • Palma Lionetti

Anna Mariani • Adriana Nepi

Maria Perentaler • Loli Ruiz Perez

Debbie Ponsaran • Maria Rossi

Eleana Salas • Martha Séide

Giuseppina Teruggi

Tradutoras

francês • Anne Marie Baud

japonês • inspetoria japonesa

inglês • Louise Passero

polonês • *Janina Stankiewicz*

português • Maria Aparecida Nunes

espanhol • Amparo Contreras Alvarez

alemão • inspetoria Áustria - Alemanha

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Instituto Internacional Maria Auxiliadora

Via Ateneo Salesiano 81, 00139 Roma

c.c.p. 47272000

Reg. Trib. Di Roma n. 13125 de 16-1-1970

Sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c,

lei 662/96 Filial de Roma

n. 7/8 julho-agosto 2015

Tip. Instituto Salesiano Pio XI

Via Umbertide 11, 00181 Roma

USPI

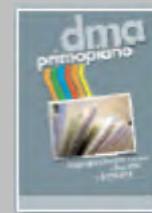
ASSOCIADA

UNIÃO IMPRENSA PERIÓDICA ITALIANA

Edição em Português

SUMÁRIO

04	<i>Editorial</i>	Anunciadores a caminho
Primeiro plano		
06	<i>A paz é o caminho</i>	A paz no Sri Lanka
07	<i>Mulheres no contexto</i>	Uma mulher para outras mulheres
09	<i>Cultura ecológica</i>	Corresponsáveis pelo amanhã
10	<i>Fio de Ariadne</i>	Feridas sofridas e provocadas
14	DOSSIÊ	Anúncio, diálogo



Em busca

22	<i>Dom e Culturas</i>	Estilo de vida e gratuidade
23	<i>A Palavra</i>	Emaús: a revelação no pão partilhado
25	<i>Carisma e liderança</i>	Uma casa em construção
26	<i>Um olhar sobre o mundo</i>	Juntos aos Rom



Comunicar

30	<i>Vida consagrada</i>	Comunicação e missão
31	<i>Vídeo</i>	As crianças sabem
33	<i>Livro</i>	Eu sou Malala
35	<i>Música</i>	Entre cidade e periferia
36	<i>Camilla</i>	A boa-noite é servida





Anunciadores a caminho

Maria Helena Moreira

Na perspectiva capitular, são muitas as janelas que se abrem: “Alargai o olhar”!

Queremos acolher este convite, impelidos pelo forte desejo de abarcar novos e surpreendentes horizontes. Para alcançar a meta, porém, é preciso pôr-se a caminho. O êxodo pede a disposição de ter o olhar atento, de afinar a escuta para que o Autor deste convite continue a nos chamar.

Alargar o olhar procurando abrir-se ao anúncio para viver o mistério de uma Presença. Fazer-se anunciadores de uma experiência que se torna ‘casa’, habitada por uma Presença que dá significado à Palavra.

Os discípulos, na escola da convivência com Jesus, ao relatarem a sua mensagem põem em prática o mandato: “Ide e pregai o Evangelho a todas as nações”.

Nesta missão são sustentados pelo Mestre, porque a essência da mensagem é o próprio Jesus. O anúncio torna-se assim experiência, narrativa, testemunho de vida daqueles que se deixam transformar pela sua Presença.

Os discípulos de Emaús viveram um encontro que abriu os seus olhos. É aqui que nasce o olhar renovado capaz de acolher e reconhecer, com sensibilidade nova, a realidade que nos circunda: os sofrimentos dos povos, o desejo de relações abertas e densas de fraternidade, as esperanças dos jovens, o bem realizado por tantas

comunidades espalhadas por todos os Continentes.

A presença que nos habita é a Palavra que reconhecemos no mandamento amoroso de Jesus. Queremos ser ‘sal da terra e luz do mundo’ com a força profética da sua Palavra.

A profecia realiza-se no empenho de evangelização, de responsabilidade social e ecológica, de gratuidade nas relações de fraterna aproximação com todos, de abertura ao diálogo na diversidade, de educação à paz em contextos de conflito.

O anúncio é educar e educar-nos para alargar o olhar em vista da construção do Reino de Deus e da fidelidade ao carisma salesiano. No empenho de anunciar, unimo-nos aos jovens e constituímos uma força como comunidades que testemunham a beleza do Evangelho na sua inteireza, na sua mais profunda simplicidade.

Sempre a caminho, reconhecemos a voz d’Aquele que nos chama a anunciá-lo com a vida, dispostos a compartilhar a experiência dos que se deixam guiar pelo sopro do Espírito de Deus.

moreira@cgfma.org

dma

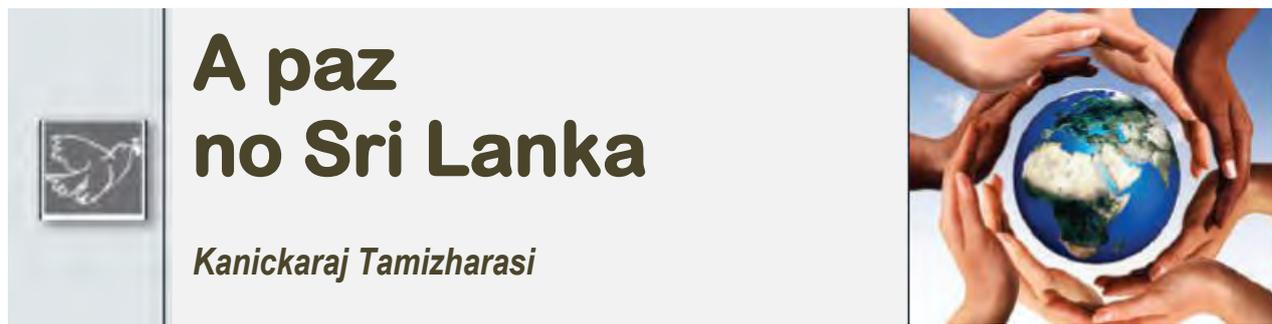
primopiano

primeiro plano



Approfondimenti biblici
educativi
e formativi

Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos



A paz no Sri Lanka

Kanickaraj Tamizharasi

O Sri Lanka, situado na ponta meridional da Índia em posição estratégica para as principais rotas marítimas do Oceano Índico, é conhecido como a “Pérola no Oceano Índico” e uma “Terra de gente sorridente”.

Motivos do conflito

No século V A.C., os migrantes indo-arianos do norte da Índia estabeleceram-se na ilha e agora são chamados os *cingaleses*. Depois de dois séculos, um grupo menor do Tâmil Nadu, os Tâmeis migraram para o Norte deste País. Desde o início do seu estabelecimento na ilha, começou a existir um conflito entre os dois grupos étnicos – Tâmil e Cingalês – que se intensificou depois da independência. Em 1976 foi constituída a *Liberation Tigers of Tamil Eelam* (organização separatista militante, LTTE), que contribuiu para aumentar a tensão nas zonas dominadas pelos Tâmeis. Em 1981 os policiais Sinhala foram acusados de terem incendiado a biblioteca pública de Jaffna, provocando um subsequente ressentimento na comunidade tâmil, enquanto em 1983 treze soldados foram mortos numa emboscada LTTE, desencadeando revoltas anti-tâmeis que levaram à morte centenas de pessoas do grupo tâmil. Foi o início da primeira guerra Eelam”.

O fim da guerra e a aurora da paz

A guerra civil no Sri Lanka durou mais de 30 anos e provocou mais de 100.000 vítimas. Cerca de 280.000 pessoas – a maioria pertencente à minoria tâmil, ao norte e ao leste do Sri Lanka – foram obrigados a viver em campos lotados de refugiados. Em maio de 2009, o exército do Sri Lanka ocupou a última das zonas controladas pela *Liberation Tigers of Tamil Eelam*. Em 18 de maio de 2009, o presidente do Sri Lanka Mahinda Rajapaksa, declarou que a guerra civil finalmente havia terminado. As eleições de 2015 foram

um sinal de futuro, porque Maithripala Sirisena tornou-se Presidente, derrotando o ex-presidente Mahinda Rajapaksa, envolvido no crime de guerra. O Sri Lanka ainda está em uma fase de pós-conflito. O país ainda se encontra amargamente dividido e os esforços de reconciliação, vacilam. Centenas de homens, mulheres e crianças morreram e muitos outros trazem dentro de si as cicatrizes da guerra que os tornou frágeis psicológica, física, social e moralmente.

As fma no Sri Lanka: projetos de paz

No final da guerra civil, com o País sofrido pelas consequências do Tsunami destrutivo de 2005, 6 fma da inspetoria indiana de Chennai, audazes e corajosas, chegaram ao Sri Lanka a convite do inspetor Dom Antony Humer sdb e por vontade da Madre Geral M. Ivonne Reungoat. Assim, a inspetoria de Chennai assumiu a responsabilidade da missão que foi inaugurada oficialmente em 30 de junho de 2008 com a presença das/os inspetoras/es da Índia, numerosos sacerdotes, Irmãs, benfeitores, jovens e crianças. Hoje as fma têm quatro comunidades:

Em **Nochchiyagamma**, onde a população é prevalentemente budista cingalesa, no dia 30 de junho de 2008 foi inaugurada a primeira escola para as meninas e os refugiados de guerra. Foi a ocasião propícia para dar início aos contatos regulares com as famílias e oferecer-lhes toda a ajuda necessária. As Irmãs acompanham o povo por meio de itinerários de paz e de reconciliação, para curar, perdoar e viver em paz. A comunidade trabalha também na Paróquia, e acolhe as meninas desejosas de fazerem um caminho espiritual em busca do projeto de Deus em suas vidas. A primeira fma é a neo-professa Ir. Usha Nanthini; há 3 noviças, 2 postulantes e 3 aspirantes em formação.

Em **Negombo** as Irmãs vivem em um apartamento “Boscopura” no meio de um povo que compõe vítimas do tsunami e refugiados. Ir. Mary Ann Fernando, a diretora, diz: «Acolhemos as jovens tâmeis e cingalesas em nossa casa. A instrução favorece o conhecimento e a aceitação umas das outras.

Aprendem as duas línguas nacionais, aprendem a relacionar-se e a acolher-se com suas diferenças culturais. No dia 21 de abril de 2014 em Kochchikade foi inaugurada também uma casa de formação com 5 moças.

Em **Vavunya** está a casa 'Dom Bosco' para a reabilitação dos meninos ex-soldados e dos órfãos de guerra, inaugurada em 17 de setembro de 2009. Nela as Irmãs organizam seminários, momentos de oração, o 'aconselhamento' pessoal e grupal, são cerca de 70 órfãos de guerra ajudados a curar as feridas que carregam. Até o momento, 14 jovens foram acompanhadas para iniciar com alegria a vida familiar. 89 moças retornaram à família de origem. A diretora, Ir. Metilda Fernando diz que no início as meninas eram rebeldes, indiferentes e tinham muita dificuldade para pedir desculpas e perdão, mas a dedicação, o afeto e

as intervenções formativas da comunidade, as transformaram.

O bispo de **Jaffna** convidou as FMA para a sua diocese. Em 14 de abril de 2011, foi iniciada uma nova presença em Jaffna, com 2 Irmãs. A comunidade está a serviço da Paróquia e acolhe as crianças vítimas da guerra. Ir. Kanickaraj Shanthi Selvi, que é a diretora, relata que a comunidade promove a paz entre o povo do lugar com suas visitas às famílias, sobretudo as mais problemáticas, reza com elas e faz o 'aconselhamento' aos membros das famílias. Ensina os valores do perdão e da honestidade às crianças da escola e às jovens do Centro de formação profissional. Encorajam o povo a aproximar-se do sacramento da reconciliação, que é o meio poderoso para promover a paz na família e na sociedade.

srtamizh@gmail.com

"A paz no mundo começa no coração de cada pessoa humana". As fma no Sri Lanka são convictas desta verdade e lançam a sua mensagem de unidade e comunhão, de cura das feridas e de construção de relações de paz, com a paixão do "Da mihi animas" e com o convite de Maria Domingas Mazzarello: "A ti as confio". As fma vão em frente com coragem e confiança, alargando o olhar, para serem missionárias de paz e esperança, junto ao povo do Sri Lanka.

Mulheres no contexto



Uma mulher para outras mulheres

Gabriella Imperatore

"Uma mulher minuta e enérgica, com grandes olhos expressivos e risonhos". Qual melhor homenagem? Narrar, deixar marcas dos gestos e das palavras de uma mulher, que criou uma rede social entre mulheres, para promover o direito e a dignidade das mulheres e das crianças, na Índia e em muitos Países do mundo.

Ir. Bernadette Sangma, da Inspeção de Shillong (INS), vem de uma família rica de fé que lhe deu uma sólida formação humana e cristã. Eram em 7: três irmãos e quatro irmãs, dos quais duas fma e um salesiano. Com a idade de 18 anos começou o seu período de formação e fez a primeira Profissão

Religiosa em 5 de agosto de 1984. Em 1990 foi enviada a Roma para cursar a Pontifícia Faculdade de Ciências da Educação "Auxilium" onde, em 1994, conseguiu a Licenciatura em Pedagogia, distinguindo-se pela capacidade de pesquisa e abertura à interculturalidade. Em 1999 foi chamada a Roma, à Casa Geral, para colaborar no Âmbito para a Família salesiana com atenção à situação da mulher e ao tráfico dos seres humanos, realidades que a encontraram não apenas sensível, mas ativamente empenhada. Em 2004 conseguiu o doutorado em Metodologia da Educação, na Faculdade Pontifícia Salesiana (UPS). Em 2010 partiu para a África onde deu a sua contribuição com competência e

paixão educativa salesiana, no Instituto de Pastoral Juvenil de Nairobi. A partir de 2013 Ir. Bernadette, mulher de fé e de oração, enfrentou com coragem a doença do câncer. No dia 27 de abril de 2015 concluiu sua vida com a idade de 53 anos.

Uma vida no compasso da mulher

Ir. Bernadette foi uma mulher criativa e tenaz, simples e colaborativa, soube envolver pessoas e entidades na promoção dos direitos das crianças e das mulheres.

Sua experiência foi uma resposta concreta contra a violência e o subdesenvolvimento, em favor da dignidade feminina, em muitos Países do mundo. «O nível de exploração das mulheres é tão forte – afirmava em uma entrevista a um jornal - que, somente com o crescimento da autoestima e a potencialização cultural, a partir da alfabetização e da formação, as mulheres começam a compreender que pode existir uma alternativa. Para superar as discriminações enraizadas na cultura e na sociedade é indispensável envolver os homens. A emancipação das mulheres não é um fim em si mesma, mas vantagem para a sociedade inteira».

Como representante do Instituto FMA, deu uma contribuição competente à *Comission on the Status os Women (CSW)* na sede da ONU, em Nova York. Apaixonada e determinada empenhou-se para que o Instituto FMA pudesse obter o Estatuto consultivo junto ao Conselho Econômico e Social (ECOSOC) da ONU. Foi a pessoa chave para o nascimento da Rede Internacional de Vida Consagrada contra o Tráfico de Pessoas “Talitha Kum”. Favoreceu a formação de nove



redes, sustentou as campanhas organizadas para o Mundial de futebol na África do Sul e para as Olimpíadas invernais em Vancouver, organizou e preparou os Congressos da Rede em 2008 e 2009.

« O tráfico não é uma realidade distante de nós: acontece nos nossos bairros e atinge os nossos conhecidos, as meninas e os meninos das nossas

escolas e paróquias. Para contrastar este fenômeno, é necessária “uma aproximação hermenêutica que lide com os múltiplos aspectos das suas causas, para restaurar e acompanhar o caminho de reconstrução da vida daqueles que estão envolvidos e feridos, e para criar consensos e acordos nas políticas de decisão em todos os níveis” ».

É uma necessidade que põe em causa muitas Congregações para que com os seus multiformes carismas possam oferecer respostas diferenciadas e complementares: *“nenhum carisma pode sentir-se estranho ao fenômeno que espezinha os direitos fundamentais e a dignidade da pessoa humana, que causa sofrimentos desoladores a tantas mulheres ou, pior, a meninas e meninos indefesos”* » (Relatório ao Congresso 2009, *Religiosas em rede contra o tráfico*).

Uma mulher sorridente e audaz

Bernadette soube conquistar com o seu sorriso, sua ternura e generosidade os corações do povo e de tanta gente que, pelo seu testemunho, continuam a acreditar que a mudança é possível.

Até 2014 cuidou da rubrica *Mulheres no contexto* para a revista DMA, do Instituto das fma. A sua atenção constante e o diálogo com a cultura contemporânea permitiram-lhe compartilhar experiências e testemunhos concretos de promoção da mulher, em muitas nações, na ótica da reciprocidade.

Mesmo tendo como destinatárias as mulheres, a sua ação passa através da sensibilização de toda uma comunidade, com base em raízes precisas: «Tudo parte da formação espiritual que revaloriza a dignidade da mulher, criada à imagem e semelhança de Deus», explica Ir. Bernadette. Esta universalidade permite trabalhar também em contextos heterogêneos, onde as diferenças religiosas e étnicas são causa de sangrentos confrontos, favorecendo em vez um diálogo eficaz, capaz de superar as barreiras dos antagonismos, no respeito às diferenças.

Uma rede de mulheres lugar do diálogo, mulheres que trabalham juntas em favor da vida. Neste espaço aberto de reciprocidade, as flores da contribuição específica da identidade feminina à sociedade, podem desabrochar, flores que dão frutos também no campo da sustentabilidade e da paz. É a paz que passa através das relações interpessoais, mulheres em rede que se colocam juntas para construir comunhão.

Ir. Bernadette não tem dúvidas: «É a relação de reciprocidade entre o homem e a mulher, o diferencial fundamental, que pode desenhar o primeiro de muitos círculos concêntricos de justiça e de paz».

Nos fatos, não na tagarelice.

gimperatore@cgfma.org



Corresponsáveis pelo amanhã

Martha Séide

«Age de modo que as consequências da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra».
(Hans Jonas)

Esta afirmação do filósofo Hans Jonas é um convite a enfrentar com lucidez e responsabilidade o grande desafio ecológico do mundo atual. De fato, pelos últimos relatórios da ONU, confirmados pelas inúmeras buscas científicas, já está comprovada a consciência de que hoje a vida sobre a terra está ameaçada. O futuro do nosso Planeta está em perigo e paradoxalmente, a intervenção humana é considerada pelos estudiosos a primeira causa de destruição da biodiversidade (www.wwf.it/). Esta situação reforça a convicção de que estamos todos interconectados e, portanto, cada ação nossa, mesmo a mais insignificante, tem consequências relevantes sobre o equilíbrio do Planeta e sobre o futuro de todos. Portanto, é urgente que todos os seres humanos estejam cientes dos efeitos que provocam as suas ações e que assumam a sua responsabilidade.

Todos somos responsáveis

A Igreja não cessa de chamar os seus fiéis e todas as pessoas de boa vontade à assunção responsável desta tarefa: “A responsabilidade para com o meio ambiente, patrimônio comum do gênero humano, estende-se não apenas às exigências do presente, mas também, às do futuro. « Herdeiros das gerações passadas e beneficiários do trabalho dos nossos contemporâneos, nós temos obrigações para com todos, e não podemos desinteressar-nos daqueles que virão depois de nós para ampliar o círculo da família humana. A solidariedade universal, que é um fato e para nós um benefício, é igualmente um dever».

Trata-se de uma responsabilidade que as gerações presentes têm para com as futuras, uma responsabilidade que cabe também a cada Governo e à Comunidade internacional. (CDS n. 467).

Esta advertência é um apelo forte e um convite a arregaçar as mangas e a empenhar-se, em nível micro e macro, a fim de criar condições para que as futuras gerações que habitarão o Planeta depois de nós, não devam pagar pelas nossas escolhas egoístas, mas possam gozar dos resultados do nosso empenho de consumidores responsáveis.

Consumidores responsáveis

De acordo com diversos projetos de educação ambiental, o consumidor responsável é aquele que reflete sobre as consequências que as suas compras, o seu estilo de vida, as suas escolhas cotidianas possam ter sobre o ambiente e sobre a sociedade. Trata-se de aprender a fazer escolhas de consumo segundo critérios éticos que não pesem sobre o ambiente, sobre os animais, sobre as pessoas e sobre a nossa consciência (www.eating.net). Por isso é indispensável apostar na educação desde a tenra infância para criar a consciência da corresponsabilidade pelo futuro do Planeta e, por conseguinte, pela humanidade. Existe, a este respeito, uma pluralidade de simples iniciativas e pequenos gestos que todos podem realizar para cultivar esta atitude e para habilitar as jovens gerações a escolherem o futuro do Planeta. (cf *O decálogo do consumidor responsável* em, <http://www.eating.net/attach/tucosapuouifare.pdf>)

Escolhe tu, o futuro do planeta

A Associação do Centro Nacional das Obras Salesianas no setor da escola (CNOS/Scuola) na Itália,

respondendo ao desafio educativo, aproveitou a oportunidade do evento *Expo Milão 2015* para lançar um Aviso nacional com o escopo de acompanhar os alunos das escolas salesianas na reflexão sobre a responsabilidade a ser assumida com relação ao nosso Planeta.

Trata-se de criar nos estudantes a consciência daquilo que nos circunda, de quanto a vida depende dos recursos ambientais, de quanto somos capazes de alterar o equilíbrio homem-natureza por meio dos nossos hábitos e, portanto, de quanto somos responsáveis pelo nosso futuro e pelo futuro do Planeta.

A salvaguarda dos recursos hídricos, energéticos e ambientais não será mais entendida como uma regra imposta de fora para dentro, mas como uma boa prática que brota da consciência íntima de se sentir responsável pelo ambiente.

O CNOS/Escola sugere elaborar trabalhos levando em conta a riqueza devida também à presença, na Itália, de jovens de culturas diversas. Os vencedores serão convidados a apresentar os trabalhos realizados na EXPO Milão 2015 (cf *Regolamento Bando*, em <http://www.cnos-fap.it>)

mseide@yahoo.com

CONTRA

LUZ

Casa Dom Bosco na Expo Milano

A Família salesiana inaugurou o pavilhão Casa Dom Bosco na Expo Milão 2015, em 1º de maio de 2015. Para a Família de Dom Bosco, as duas apostas vencedoras para a sustentabilidade e futuro do planeta são: *a escolha educativa e o protagonismo dos jovens*. Dom Bosco dizia, de fato, que «os jovens são a porção mais preciosa e mais delicada da sociedade humana».

No ano do Bicentenário do nascimento de Dom Bosco, os seus Ex-alunos/as, os das Filhas de Maria Auxiliadora juntamente com os Amigos de Dom Bosco, mobilizaram-se para a iniciativa: “Doamos a Casa Dom Bosco”. Em sinal de reconhecimento e de gratidão a Dom Bosco e à Família Salesiana, decidiram ativar uma coleta para doar a “Casa Dom Bosco” aos jovens da Ucrânia para se tornar um lugar de aprendizagem e de educação à vida, que signifique para muitos jovens uma experiência de vida.

Você está convidado/a a habitar a Casa Dom Bosco, visitando o site: <http://www.espodonbosco2015.org/site/it/news>

Fio de Ariadne



Feridas sofridas e provocadas

Maria Rossi

Entre pessoas que vivem juntas, sobretudo quando existe uma relação de estreita convivência como na relação do casal e das comunidades religiosas, como as nossas, é quase impossível que não nasçam dissabores, litígios, incompreensões, mal-entendidos, atitudes que ferem. Com relações pessoais mais íntimas e fraternas, as feridas se tornam mais profundas, o sofrimento intenso e doloroso e, às vezes também, desorientador.

Quem fere torna-se para a outra/o uma presença interior embaraçosa que incomoda e escraviza, uma presença que estimula a ruminar continuamente sobre o que aconteceu, reavivando, com o desejo de esclarecimento, os sentimentos de mágoa e de rancor, de ódio e vingança. Esta “ruminação rancorosa”, como a definem os estudiosos, tolhe ou, seja como for, limita a possibilidade de viver serenamente, de pensar no outro, de expressar plenamente as próprias potencialidades humanas, de ser positivamente criativa/o. Não ajuda a perdoar e a curar, antes pode favorecer a emergência de distúrbios psicossomáticos. Porém, não faltam caminhos de saída, de cura.

Possíveis reações

Cada uma/um reage à afronta como pode. Algumas pessoas, de caráter pronto, tendem a reagir com agressividade, a exprimir, sem retenção e com tons intensos, a raiva e a mágoa que experimentam, culpando-se, depois, pela atitude inadequada, com receio de perder a pessoa que foi e que poderia ainda ser um ponto importante de referência na vida.

Os tipos mais introvertidos, em vez disso, podem ser tentados a afastar-se, a fechar-se e a ruminar continuamente sobre o que aconteceu, experimentando fortes sentimentos de raiva, de ódio e de rancor diante de quem os feriu. De início, estes sentimentos podem ser forças que ajudam a distanciar-se da presença desconcertante do ofensor, mas com o passar do tempo, se deixados sedimentar na alma, escravizam ao outro, envenenando a vida, restringem e empobrecem as relações interpessoais e, também, podem tornar a pessoa mais vulnerável com o aparecimento de alguns distúrbios psicossomáticos.

As pessoas que tiveram uma educação religiosa muito rígida e que, portanto, são estimuladas por um excessivo senso de “dever ser”, não toleram em si mesmas a emergência de sentimentos negativos de hostilidade. Gostariam de perdoar logo a ofensa recebida, e esquecer. Acreditam que perdoar a ofensa subitamente depende da vontade, que basta querer firmemente. Tentam, mas inutilmente: a ferida continua a queimar dentro. E, não conseguindo esquecer, como quereriam, arrastam para dentro de si pesados sentimentos de culpa e de inadequação.

Uma reação que normalmente quase todas/os têm é

o fato de se sentirem vítimas, injustamente feridas por pessoas que foram beneficiadas e favorecidas, por pessoas que, pela sua posição e papel, poderiam ter apoiado, auxiliado e confortado. É difícil perceber-se como injustos/as, ofensores/ofensoras e, é difícil também, perceber-se capazes de ser injustos/as, ofensores/ofensoras.

Quando uma pessoa reage com força contra a outra, geralmente o faz para restabelecer um equilíbrio de justiça precedentemente rompido. No entanto, não é raro, também, ferir inconscientemente a pessoa, às vezes apenas por levar uma vida mais empenhada e honesta do que a do grupo de convivência. Na realidade, somos todas/os possíveis “crucificados” e “crucificadores”.

Passos de cura

Querer perdoar é importante, mas um ato de vontade não é suficiente. As ofensas, as “feridas” embora toquem, sobretudo, os sentimentos, envolvem toda a pessoa. E para que o perdão não fique apenas na boa intenção expressa em nível de vontade e as feridas possam cicatrizar-se, é necessário ter presente que se trata de um processo complexo, de um caminho não fácil nem linear, de uma peregrinação a ser percorrida por etapas e sem forçar o tempo.

De algumas décadas para cá, também as ciências psicológicas vêm descobrindo o forte valor terapêutico do perdão. Na literatura, tanto científica como religiosa, que já é abundante, são propostos interessantes métodos e oferecidos preciosos conselhos para a cura. Eles são utilizados, sobretudo nas escolas e nos cursos de formação que se propõem a apoiar as pessoas feridas, no exaustivo caminho de libertação da presença estranha do ofensor e dos sentimentos negativos, a fim de realizar a cura. Faço aceno a alguns que podem ser utilizados também individualmente.

Uma grande ajuda experimentada por gerações no âmbito religioso e, atualmente, também confirmada cientificamente, é a *oração* como entrega a uma Pessoa que compreende e que pode vir em socorro. Certo Autor sugere de se colocar diante do Crucifixo e, pensando na pessoa que ofendeu, repetir, *com todo o sofrimento que traz dentro de si*, a oração de Jesus: *“Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”*. Se for feita *com constância*, esta ou outra oração, é possível experimentar gradualmente uma sensação de libertação: *a passagem da raiva, da angústia à compaixão*. E quando quem foi ferido sente compaixão não existe mais aquela pedra que esmaga, ela não está mais dentro, mas está fora, distanciada e privada do seu poder negativo.

Alguns Autores afirmam que as dificuldades para perdoar muitas vezes estão ligadas ao fato da não aceitação de si mesmos. Lytta Basset e Bellini E.

deram como subtítulo de um livro seu, sobre o perdão: *“Perdoar é começar a aceitar-se a si mesmo”*.

Aceitar e elaborar tudo o que faz parte de si mesmo, desde o aspecto físico até as características psicológicas cognitivas emotivas, o próprio estado social e a própria história sem remover ou excluir fragmento algum, é uma boa premissa para não se deixar ferir muito profundamente e a curar-se mais facilmente.

Se uma pessoa, por exemplo, não aceitou um seu defeito físico, uma brincadeira de per si inócua, poderia levá-la a um sofrimento e a uma reação aparentemente exagerada. A brincadeira lhe faz mal porque, tocando o ponto fraco, reabre uma ferida não cicatrizada.

Uma coisa importante é aceitar sentir e ressentir o sofrimento que a outra/o provocou sem se perturbar com a emergência normal dos sentimentos de raiva, de ódio e de vingança. Às vezes, para sobreviver à afronta, tende-se a eliminá-la, mas o que é eliminado fica dentro, perturba e pode emergir novamente com toda a sua força angustiante e desestabilizadora. Há quem acredite que se deva esquecer, mas não é possível esquecer certas situações, e nem se deve fazê-lo.

Tudo o que faz parte da nossa história que, de certa forma, é história “sagrada”, deve ser aceito. É importante encontrar a força e a coragem de encarar a situação, de não deixar os sentimentos negativos sedimentar na alma, mas suportar e elaborar a dor para poder gradualmente livrá-la do peso das emoções negativas e ser curada.

Para facilitar a cura, é também útil perceber que todas/os somos possíveis ofendidos/ofensores. A consciência de que se pode ferir o outro mesmo sem querer, torna o ser humano verdadeiro e humilde, capaz de um olhar de misericórdia, porque compreende que quem o feriu talvez o tenha feito por ter sofrido pesados maus tratos e, portanto, mesmo sabendo, não sabia o que estava fazendo.

É de grande ajuda saber, como as ciências estão demonstrando largamente, e a experiência confirmando, a necessidade de ser resilientes, ou seja, possuir energias e recursos suficientes para superar as dificuldades e o stress.

Para prevenir

Uma atenção que poderia/deveria interessar a todas/os e distinguir em particular as FMA, é a prevenção.

O sistema preventivo de Dom Bosco faz parte da nossa espiritualidade. Para prevenir e evitar dissabores, que comumente nascem na convivência comunitária cotidiana, bastaria, às vezes, cultivar as virtudes caseiras: a boa educação, o respeito, a paciência, o reconhecimento, virtudes que o Papa simpaticamente sintetizou em três simples expressões: *“Com licença. Desculpe-me. Obrigada.”*

Em âmbito psicológico fala-se de competências e habilidades sociais. Trata-se de um conjunto de características de temperamento, cognitivas e emotivas, que predispõem à abertura e à compreensão dos outros.

Algumas dessas habilidades são: a capacidade de escuta respeitosa e empática; o senso de humor; a capacidade de relativizar; a atenção à higiene e a uma digna apresentação de si mesmo; acreditar que, aproveitando os recursos humanos da resiliência e da força que vem da oração, é possível superar ódios, rancores e sentimentos de inconveniência.

Aprendem-se as habilidades sociais geralmente em família, mas são também fruto de escolhas pessoais. Assim como a resiliência, elas podem ser mantidas, aperfeiçoadas, mas se negligenciadas, podem deteriorar.

Apoiam-se na autoestima, na percepção da própria competência, na assertividade, na empatia, mas, sobretudo, naquela sensação de serenidade e de bem-estar profundo que vem da consciência de que a própria vida foi e é significativa.

A vida das pessoas consagradas, embora não fisicamente, tem contribuído e contribui de mil modos para gerar e cultivar a vida.

A atenção ao cultivo destas habilidades, além de prevenir dissabores e feridas, facilita o desenvolvimento, a manutenção e o “recrudescimento” das relações sociais e fraternas, tão importantes na convivência humana, e na vida das comunidades religiosas.

As habilidades sociais servem também de grande ajuda na missão educativa.

Elas, enquanto contribuem para respeitar, compreender, cuidar e para não ferir as pessoas próximas, cooperam indiretamente para pôr fim a todas aquelas guerras que deixam feridas que se arrastam por gerações e para a criação da tão suspirada paz.

rossi_maria@libero.it

dossier dma

dossiê



Annuncio, dialogo

Anúncio, diálogo



Anúncio, diálogo

Anna Mariani, Gabriella Imperatore

Transformados pelo encontro com Ele, sem hesitar, retornam a Jerusalém, cidade da Páscoa e do Pentecostes, com o desejo de anunciar o Senhor ressuscitado e de compartilhar a experiência de felicidade plena que alargou o seu olhar e o seu coração (CG XXIII).

Chamados a anunciar

O anúncio do Evangelho é a característica dos discípulos do Senhor. Maria Madalena, aquela que por primeiro encontra e reconhece o Cristo Ressuscitado, é o ícone da missionariedade própria da vocação cristã, cujo convite é o de anunciar que “o Senhor está Vivo!”.

“Eu vi o Senhor!” é este o anúncio que oferece Maria Madalena, esta simples mulher que leva a todos o evento mais extraordinário da história da humanidade.

Daqui nasce a exigência da fé que pressupõe a pregação e o testemunho daqueles que, por primeiro, acolheram em suas vidas o Senhor Jesus. “Ide, portanto, fazer discípulos entre todos os povos, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-lhes a observar tudo o que vos ordenei. Eu estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28, 19-20).

Uma tarefa árdua, que o Senhor confia aos seus discípulos, mas possível porque assegurada pela sua presença e tornada possível graças ao dom do Espírito: “Tereis a força do Espírito Santo que descerá sobre vós e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia, na Samaria e até os extremos da terra” (At. 1, 8).

A evangelização é obediência ao mandato recebido e necessidade, que não pode ser omitida, de comunicar aos outros a experiência do Senhor e a alegria que daí deriva. São João, na sua primeira Carta escreve: «O que nós ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e o que as nossas mãos tocaram, ou seja, o Verbo da vida... nós o

anunciamos também a vós, para que também vós estejais em comunhão conosco» (Jo 1, 1-4).

A Igreja é missionária por natureza e leva adiante, na história, o anúncio do Evangelho. Um anúncio que envolve todos os que encontraram Cristo: parte do testemunho de vida e se desenvolve nas mais variadas expressões de educação à fé até a atividade missionária.

Testemunho e oração

Anuncia-se Cristo vivendo-O: «Tendo se tornado nova criatura, a pessoa batizada deve viver e agir como tal. Em nível pessoal e comunitário. Sobre o seu rosto deve resplandecer o próprio rosto de Cristo.

É esta uma verdadeira e real exigência de sua vital incorporação a Ele no sacramento do batismo». (A. Von Speyer, *em Mística objetiva*)

É este um modo novo de anúncio que envolve todos e todas. Na *Evangelii nuntiandi*, Paulo VI afirma que o homem contemporâneo escuta, de boa vontade, mais os testemunhos do que os mestres ou, se escuta os mestres, assim o faz porque são testemunhas.

Mais do que nas palavras, o homem de hoje acredita nos fatos. São Pedro, em sua carta (1 Pd 3, 1) escreve que “uma vida santa e respeitosa conquista, sem necessidade de palavras, aqueles que se recusam a acreditar na Palavra”. Faz parte da economia da salvação, a vocação dos discípulos de Cristo a ser sal da terra e luz do mundo.

É esta a evangelização de que fala o Senhor: «Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus». (Mt 5, 16)

Uma pessoa que está próxima de Deus irradia luz. João saltou de alegria no ventre de Isabel com a chegada de Maria que trazia Jesus no seu ventre. O testemunho de uma vida santa torna-se, assim, exigência para dar fecundidade ao anúncio.

«É preciso que o nosso zelo pela evangelização

brote de uma verdadeira santidade de vida e que o anúncio, por sua vez, alimentado pela oração e, sobretudo, pelo amor à Eucaristia, faça crescer em santidade aquele que anuncia».

« O mundo, - afirma Paulo VI - que, não obstante os inúmeros sinais da rejeição de Deus, paradoxalmente O busca por caminhos inesperados e dolorosamente sente necessidade d'Ele, reclama evangelizadores que lhes falem de um Deus que eles possam conhecer e que lhes seja familiar, como se vissem o invisível. O mundo exige e espera de nós simplicidade de vida, espírito de oração, caridade para com todos e especialmente para com os pequeninos e os pobres, obediência e humildade, desapego de nós mesmos e renúncia. Sem este testemunho de santidade, a nossa palavra dificilmente abrirá caminho no coração do homem do nosso tempo, e corre o risco de ser vã e infecunda ».

Unidos para anunciar

Condição essencial para a eficácia da evangelização é a comunhão entre os seguidores de Cristo, a começar pelo ambiente existencial no qual cada qual é colocado: «*Enquanto evangelizadores, devemos oferecer aos fiéis de Cristo a imagem, não de pessoas divididas e separadas por litígios que não edificam absolutamente, mas de pessoas maduras na fé, capazes do encontro e da convivência para além das tensões, graças à busca comum, sincera e desinteressada da verdade. Sim, a evangelização, com certeza, está ligada ao testemunho de unidade da Igreja*» (J. Saraiva Martins, *A Igreja*).

O testemunho evangélico ao qual o mundo se mostra mais sensível é o do amor para com os pobres e os que sofrem.

A gratuidade de atitudes e de gestos evangélicos que contrastam com o egoísmo presente no homem «*faz nascer perguntas precisas que orientam para Deus e para o Evangelho*. O empenho pela paz, pela justiça, pelos direitos do homem, pela promoção humana, é também um testemunho do Evangelho, se for sinalizado pela atenção às pessoas e ordenado ao desenvolvimento integral do ser humano ». Um testemunho até o martírio.

Não por nada a palavra «testemunho» traduz do grego *martyria*, em português, «mártir». E o sangue dos mártires continua a ser na história da Igreja o selo da fecundidade apostólica. «O Filho do homem, quando voltar, encontrará a fé sobre a terra?» (Lc 18,8). A evangelização tendendo unicamente à conservação da fé, não é mais suficiente! É necessária uma missionariedade que anuncie novamente o Evangelho, sustente a sua transmissão, vá ao encontro dos homens e das mulheres do nosso tempo, testemunhando que também hoje é possível, é

bela, bom e justo viver a existência humana em conformidade com o Evangelho e, em seu nome, contribuir para tornar nova a sociedade inteira. Cristão, não se nasce, mas se torna, dizia Tertuliano. É importante formar educadores à fé, uma fé adulta capaz de confrontar-se com a cultura e evangelizá-la.

Na total fidelidade ao anúncio evangélico e à tradição eclesial, ele trará também o rosto de muitas culturas e de muitos povos nos quais é acolhido e radicalizado. Nas expressões cristãs de um povo evangelizado, o Espírito Santo adorna a Igreja mostrando-lhe novos aspectos da Revelação e presenteando-a com um novo rosto. «A Igreja «introduz os povos com suas culturas na sua própria comunidade», porque «os valores e as formas positivas» que cada cultura propõe «enriquecem a maneira com a qual o Evangelho é anunciado, compreendido e vivido ». Deste modo «a Igreja, assumindo os valores das diferentes culturas, torna-se “sponsa ornata monilibus suis”, “a esposa que se adorna com suas joias” (Is 61,10)» (EG 116).

A diversidade cultural não ameaça a unidade da Igreja. É o Espírito Santo, enviado pelo Pai e pelo Filho, que transforma os nossos corações e nos torna capazes de entrar na comunhão perfeita da Santíssima Trindade, onde cada coisa encontra a sua unidade. Ele constrói a comunhão e a harmonia do Povo de Deus. A evangelização reconhece alegremente estas múltiplas riquezas que o Espírito gera na Igreja e pede um novo protagonismo dos batizados. Esta convicção transforma-se em um apelo direto a cada cristão, para que nenhum renuncie ao próprio empenho de evangelizar. A partir do momento em que alguém realmente fez a experiência do amor de Deus que o salva, não precisa de muito tempo de preparação para ir anunciá-lo e não pode ficar esperando que lhe venham dar muitas lições ou longas instruções. «Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus. Não dizemos mais que somos “discípulos” e “missionários”, mas que somos sempre “discípulos-missionários”. Se ainda não estamos convencidos disso, olhemos para os primeiros discípulos que, imediatamente depois de conhecerem o olhar de Jesus, saíram para proclamá-lo cheios de alegria: «Encontramos o Messias!» (Jo 1, 41). A samaritana, assim que terminou o seu diálogo com Jesus, tornou-se missionária, e muitos samaritanos acreditaram em Jesus «pela palavra da mulher» (Jo 4, 39). Também São Paulo, a partir do seu encontro com Jesus Cristo, «logo anunciou que Jesus é o Filho de Deus»» (At 9, 20).

E nós, o que esperamos? Acreditamos naquilo que anunciamos? As nossas comunidades vivem como quem tem fé? Testemunhamos com a vida que encontramos Jesus?

“A Evangelização é um empenho cotidiano que compete a todos. Trata-se de levar o Evangelho às pessoas com as quais cada um tem de tratar, tanto aos mais próximos quanto aos desconhecidos. Neste anúncio o primeiro momento consiste em um diálogo pessoal no qual a outra pessoa se expressa e compartilha as suas alegrias, as suas esperanças” (Francisco, *Evangelii Gaudium*).

Chamados a dialogar

Segundo o que se relata, no início da criação o próprio Deus falava com os homens. Falando com os homens, era como se Deus quisesse habituá-los à palavra. Deus, assim, não apenas dá a palavra, mas ensina ao homem o uso da palavra efetivamente dialógica e o que aconteceu no diálogo originário repete-se na relação eu-tu inter-humana que, se for autêntica, permanece sempre um eco daquela primeira relação.

O Papa Francisco fala muitas vezes de diálogo, não como uma doutrina, mas como uma pedagogia do encontro.

Ele esboça com palavras e gestos, um itinerário, uma escola, um caminho para o encontro pastoral e social, que propõe tanto aos indivíduos quanto às comunidades. Naquela pedagogia o diálogo põe-se como o momento verbal da mais ampla tarefa do encontro.

Centralidade da missão quer dizer centralidade do diálogo. “Dialogar significa estar convictos de que o outro tem algo de bom a dizer, abrir espaço ao seu ponto de vista, à sua opinião, às suas propostas... e para dialogar é preciso ir ao encontro do outro desarmados, reduzir as defesas e abrir as portas” (Francisco, *Discurso à comunidade dos Escritores do La Civiltà Cattolica* – 14 de junho de 2013).

O diálogo é possível entre lugares e culturas distantes, entre um lado e o outro do mundo, hoje, sempre mais próximos, interdependentes, necessitados de encontrar-se e de criar espaços reais de autêntica fraternidade e solidariedade. A aproximação cria comunhão e a interdependência realiza o encontro. A aproximação adquire forma de diálogo e cria uma cultura do encontro.

Para a Igreja, em nosso tempo, existem âmbitos de diálogo nos quais ela deve estar presente a fim de realizar um serviço em favor do pleno desenvolvimento humano e perseguir o bem comum.

É tempo de saber projetar, em uma cultura que privilegia o diálogo como forma de encontro, a busca de consenso e de acordos. No diálogo com o Estado e a sociedade a Igreja, juntamente com as diversas forças sociais, é chamada a acompanhar as propostas que melhor possam responder à dignidade da pessoa e ao bem comum e propor sempre com clareza os

valores fundamentais da existência humana para transmitir convicções que possam posteriormente traduzir-se em ações concretas.

Seguem duas experiências significativas para a promoção do diálogo interreligioso e social.

O diálogo social para a paz

Ir. Ibtissam Kassis, fma da comunidade de Nazareth, relata: «No dia 2 de abril de 2015 o Supremo Tribunal de Israel emitiu o Decreto de revogação dos trabalhos para o muro de separação no histórico Vale do Cremisan, sede de dois institutos salesianos, e onde cerca de 400 crianças cristãs e muçulmanas frequentam a escola materna e elementar das fma. «O Supremo Tribunal Israelense, depois de haver considerado os vários percursos do muro de proteção na zona de Cremisan, declara que “não há outra escolha a ser feita senão mudar o percurso do muro, de modo a deixar as Irmãs Salesianas e os Padres Salesianos unidos e com os seus respectivos terrenos.” O Supremo Tribunal pede ao Exército e ao Ministério da Defesa israelense para considerar outras alternativas menos danosas à população local e aos institutos que se encontram no vale», diz o Decreto.

Nestes nove longos anos o diálogo foi a força e o instrumento para a construção da justiça e da paz. Foram muitas as ajudas recebidas: o diálogo, primeiro com os advogados de S. Yves e os de Beitjalla; depois com outras entidades sociais e políticas que se prodigalizaram em estudar e procurar vias alternativas; com a Igreja e a Diplomacia, foram frequentes os encontros com os Bispos de várias partes do mundo, Embaixadores e Cônsules de diversos países Europeus e americanos, os representantes da Comunidade Europeia para criar mentalidade e favorecer o consenso e o acordo com o governo israelense.

Acolhemos a notícia com grande alegria e, sobretudo, com muita admiração pelo fato de a Corte Suprema ter olhado com olhos humanos um problema social bastante grave, sobretudo para a obra educativa desenvolvida pelas fma, que gozam muito da sua apreciação, e para muitas famílias que frequentam a nossa escola e que estavam sofrendo por esta causa absurda. O fruto maior desta graça é para os nossos alunos, que diariamente escutam falar de paz e de amor por cada ser humano, e ficam perplexos diante de tudo aquilo que a cada dia são obrigados a viver: violências e injustiças. Este é um sinal de que a Justiça e a Paz são possíveis, pois, há muita gente que deseja a paz e defende os interesses e o bem dos outros».

Encontrar o Deus do diálogo

De 13 a 15 de maio no Centro Ad Gentes em Nemi (Roma) desenvolveu-se o workshop com o tema:

“Encontrar o Deus do diálogo: ler os livros sagrados das religiões abramíticas”, para promover o diálogo entre Hebreus, Muçulmanos e Cristãos por meio da leitura dos seus Livros Sagrados (Tanakh, Corão, Bíblia). O workshop, organizado pela Sociedade do Verbo Divino (SVD) e pelo Serviço de Documentação e Estudos sobre Missão (SEDOS) realizou-se por ocasião da comemoração do 50º aniversário do Concílio Vaticano II, para refletir sobre os documentos da Igreja e manter vivo o espírito de diálogo e de abertura para um mundo cada vez mais multiétnico e multirreligioso. O prof. David Ford, *Regius Professor of divinity* da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, juntamente com seus colegas hebreus e muçulmanos propôs o *Scriptural Reasoning*, ou seja, a leitura coletiva arrazoada a partir do Tanakh, da Bíblia e do Corão. “A escuta é a regra de ouro, afirma, a atitude de abertura na verdade e no amor deve caracterizar o diálogo com os crentes das religiões não cristãs”. O diálogo interreligioso é uma condição necessária para combater o fundamentalismo religioso e político que não apenas ameaça a harmonia entre as comunidades das diversas religiões, mas é também causa de muitos conflitos em todo o mundo. Para os cristãos, assim

como para as outras comunidades religiosas, o diálogo é um dever; somente assim aprende-se a aceitar o outro no seu modo diferente de ser, de pensar e de expressar-se.

Esta experiência apresentou grandes desafios, no início a segurança da própria fé e o conhecimento do próprio texto sagrado, não para discutir com os outros crentes e convencê-los, mas para ajudar a entender “as razões da própria fé”.

Não se deve atender ao diálogo para viver juntos, é preciso visar a construir juntos uma sociedade em que as religiões saibam escutar-se. Não se deve jamais negligenciar o vínculo essencial entre o diálogo e o anúncio, que leva a Igreja a manter e a intensificar as relações com os não-cristãos. A evangelização e o diálogo não são opostos, sustentam-se e se alimentam reciprocamente.

Acreditamos que o diálogo é o caminho para construir juntos pontes de misericórdia e de reconciliação? Estamos convencidos de que para dialogar é preciso ir desarmado ao encontro do outro, reduzir as defesas e abrir as portas?

*comunicazione@fmaiario
gimperatore@cgfma.org*





**PROMOVER
A IGUALDADE
DE GÊNERO
E O EMPODERAMENTO
DAS MULHERES**

**A DECLARAÇÃO DO MILÊNIO
PROMOVE A IGUALDADE ENTRE OS SEXOS
E O EMPODERAMENTO DAS MULHERES
COMO DIREITOS HUMANOS DE BASE.**

**SUSTENTA, IGUALMENTE QUE RECONHECER ÀS MULHERES
O SEU LEGÍTIMO PAPEL
É O ÚNICO MODO PARA COMBATER COM SUCESSO
A POBREZA, A FOME, AS DOENÇAS
E PARA ESTIMULAR UM DESENVOLVIMENTO
REALMENTE SUSTENTÁVEL.**

**AS MULHERES TÊM UMA INFLUÊNCIA ENORME
SOBRE O BEM-ESTAR DAS FAMÍLIAS
E DAS SOCIEDADES.**



OBJETIVO NÚMERO 3

DIREITOS HUMANOS DIREITOS DAS MULHERES

**ESTOU TAMBÉM EU PARA
TRANSFORMÁ-LOS EM REALIDADE**



TAWAKKUL KARMAN

**JORNALISTA E ATIVISTA PARA OS DIREITOS
DAS MULHERES NO YEMEN,
PRIMEIRA MULHER ÁRABE
PRÊMIO NOBEL DA PAZ, EM 2011**

AGENDA PÓS-2015



TALITHA KUM, REDE INTERNACIONAL DE VIDA CONSAGRADA CONTRA O TRÁFICO DE PESSOAS, UMA REDE DE MULHERES EMPENHADAS EM PROMOVER A CULTURA DA VIDA, DA LIBERDADE, DO RESPEITO, DA DIGNIDADE HUMANA, DE CADA SER HUMANO.



idma inricerca

em busca



Lettura
evangelica
dei fatti
contemporanei

Leitura evangélica dos fatos contemporâneos



Estilo de vida e gratuidade

Por Mara Borsi

Tudo aquilo que se vive no espaço e no tempo, educa ou deseduca à gratuidade. Onde prevalece o espírito de competição, a relação de poder entre educadores e educandos e entre os mesmos educandos, a eficiência como único critério de reconhecimento do valor de uma pessoa, não se educa à gratuidade. Nos ambientes em que a relação educativa é formal, porque ninguém sai do seu papel de aluno ou de professor, de pai ou de filho, de sacerdote ou de fiel porque se tem medo do encontro pessoal e do aprofundamento das relações. Um aspecto particular da educação à gratuidade é dado pela relação entre educadores e educandos. Na relação educativa a gratuidade começa quando o educador e o educando são abertos à descoberta do mistério que é o outro e à riqueza de vida da qual é sujeito. Isto é possível se existe uma certa «separação» entre educador e educando.

Revisão de vida

O educador não tem necessidade do seu aluno porque já está realizado de outro modo. Comunica-se com o aluno pela alegria de compartilhar a própria experiência e valorizar a vida do aluno. A relação educativa é gratuita quando é vivida como um recíproco e espontâneo dar e receber.

Um espaço importante na educação à gratuidade é a revisão do modelo de vida no qual os jovens realmente se inspiram para além das declarações de princípio. A revisão é conduzida não com a atitude moralista de quem se detém no lado negativo dos fatos, mas com a atitude educativa que convida os jovens a tomarem consciência da busca que já estão vivendo, de gratuidade.

A revisão de vida implica também o esforço de traduzir em objetivos atingíveis, a meta final da consolidação da gratuidade. Quais objetivos propor em concreto, aqui e agora, neste ambiente educativo? Como fazer para que a necessidade de

gratuidade e de espontaneidade não se reduza ao redimensionamento das expectativas de vida, ao confinamento das relações, à procura pura e simples de agradar sem a capacidade de investir as energias no futuro?

A maturação de um estilo de vida inspirado na gratuidade é enriquecida também por um sério confronto com a experiência cristã que é acolhimento e, ao mesmo tempo, superação da demanda de gratuidade.

A tradição bíblica é rica de temas ligados à gratuidade. Em certo sentido, a gratuidade é a dimensão última da história da salvação, da criação à Aliança, da predileção de Deus pelo povo hebraico à encarnação como gesto de puro amor de Deus pelo homem, do mistério da vida trinitária, que é acolhida na diversidade, à vida profética de «acolhimento» da primeira comunidade cristã. A demanda de gratuidade encontra forte contribuição na contemplação cotidiana em que se vivem as coisas de cada dia como lugar do encontro com Deus, em busca daquele fio de salvação que une a história pessoal e a da humanidade, na acolhida que Deus reserva ao homem.

Na contemplação e na oração aprende-se a aceitar-se a si mesmos sem manias esquizofrênicas, compartilhando os limites e as riquezas do próprio existir. Aprende-se a ler a vida em «transparência» como provocação para um crescimento diante do homem e de Deus. Somente um contemplativo pode amadurecer uma atitude de gratuidade.

Na contemplação a vida se faz canto elevado ao amor gratuito que envolve a existência. Somente quando a pessoa se sente amada por Deus e feita «criatura nova» por dom, torna-se capaz de uma gratuidade real, embora permaneça o empenho de um longo tirocínio de aprendizagem.

mara@fmails.it



A palavra aos jovens

Eu me chamo Ana Inés Izquierdo Donato, sou uruguaia, animadora do oratório e ex-aluna salesiana. Em janeiro de 2014 cheguei ao México para fazer seis meses de voluntariado no IMCI Dom Bosco de Matagallinas, na Serra Mixe, no Estado de Oaxaca.

Faço parte do Vides Uruguai. No meu país, juntamente com outros voluntários do grupo, trabalhei num bairro periférico da capital, onde desenvolvemos atividades para as mulheres, oficinas com o objetivo de realizar pequenas receitas econômicas.

Pouco a pouco maturei o desejo de fazer voluntariado em nível internacional. Então, comecei a receber uma formação a distância e, contemporaneamente, o acompanhamento formativo com o Vides Uruguai

A formação empenhou-me muito, apresentava-me elementos de tipo prático e informações em nível teórico. O tempo se passava e aumentava em mim o desejo de poder realizar esta experiência; sentia também que Deus me chamava à doação e à confiança.

Terminado o período formativo foi-me proposto o serviço de voluntariado em Oaxaca. Chegando à Serra Mixe, à casa de Dom Bosco, pus-me a escutar o que diziam as fma, os Salesianos, os jovens e,

sobretudo, as crianças. As minhas melhores mestras foram exatamente as crianças. Falaram-me de sua cultura, de suas tradições, do seu modo de perceber e interpretar a vida. Ensinaram-me também a me aproximar mais de Deus. As crianças, com as quais fiz o trabalho voluntário, deixaram-me entrar em suas vidas o que foi verdadeiramente um grande dom. Sinto que cresci muito do ponto de vista humano. Graças a algumas delas pude compreender de novo, reaprender e assimilar de outro modo o a afirmação de Dom Bosco: “Para mim basta que sejais jovens, para que vos ame”.

O apoio das Irmãs, com o seu acompanhamento, fez-me conhecer sob outros aspectos o Instituto das fma. Partilhar com elas, aprender o trabalho educativo pelo seu exemplo no cotidiano, foi uma experiência muito enriquecedora.

Eu acredito que, como voluntários, devemos estar dispostos a dar o melhor de nós mesmos, a não poupar esforços naquilo que nos pedem as pessoas que vivem conosco. Como voluntários somos chamados a nos doar, a ser o reflexo de um Deus que ama cada pessoa.

A Palavra



Emaús: a revelação no pão partilhado

Eleana Salas



Ambientação

Uma Bíblia grande; um crucifixo e um círio pascal.
Um cestinho com pão.

Invocação ao Espírito Santo:

Vem Espírito Criador, vem, vem (bis)
(ou outro canto de invocação ao Espírito Santo, conhecido por todos)

O contexto

Chegamos ao momento culminante da experiência vivida pelos discípulos de Emaús: a revelação no pão partido e partilhado.

O coração dos dois discípulos está pleno de admiração diante do Desconhecido que foi capaz de abri-los à esperança. Sua alma inteira foi alcançada pelo olhar e, depois de escutarem as Suas palavras, sentem *“arder o coração”*.

Entremos também nós nesta casa: deixemos de lado por um momento os nossos “conhecimentos” e com coração novo deixemo-nos surpreender por Aquele que agora domina totalmente a cena.

O texto é proclamado com clareza por uma leitora. Cada participante lê de novo, pessoalmente, o texto. Em seguida pode-se fazer a ressonância das frases mais significativas.

Lucas 24, 28-31

Quando estavam perto da aldeia para onde se dirigiam, ele fez como se devesse continuar o caminho. Mas eles insistiram: «Fica conosco, pois é tarde e o dia está terminando». Ele entrou para ficar com eles. Sentou-se à mesa, tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e o distribuiu. Então, os seus olhos se abriram e o reconheceram. Mas ele desapareceu de sua vista.

Leitura: O texto em si mesmo

Estão para alcançar Emaús: caminharam ao menos 10 quilômetros. Fazem um caminho não apenas geográfico, mas um “caminho interior”. Que características tem este caminho interior? De onde parte e aonde conduz? Como interpretar o gesto de Jesus: “fez como se devesse continuar o caminho”?

“Fica conosco porque anoitece!” Efetivamente já era tarde e estavam cansados. A segunda parte da frase é descritiva: “é noite, está escuro”. Poderia expressar uma realidade mais profunda, com relação à situação inicial dos discípulos. Qual? A primeira parte da frase é um pedido: “Fica conosco!” À luz do itinerário interior vivido, pode revelar também dimensões mais íntimas, escondidas. Quais?

“Quando se sentou à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e o deu a eles”. Jesus volta a ser o centro:

entra, acomoda-se, senta-se familiarmente à mesa, compartilha. Ele os surpreende, como no Cenáculo, com o gesto de partir o pão. Os seus olhos se abriram e o reconheceram”. Este é o momento culminante do texto; a “fração do pão” permite-lhes reconhecer o Mestre. Desde a sua origem a Igreja reconhece a Eucaristia como “fonte e cume” de sua vida. “Então os seus olhos se abriram e o reconheceram. Mas, ele desapareceu de sua vista”. Lucas joga com ‘os olhos’ e ‘a vista’. Quais olhos se abrem e qual vista se fecha?

Meditação: o texto para nós hoje

Embora os corações se tenham aberto à esperança, existe amargura: “é noite, está escuro”. Tentemos lembrar à mente e ao coração as luzes e as sombras da humanidade, dos jovens, da comunidade. Abramos-nos à solidariedade.

“Reconhecer o Senhor” é o momento culminante da manifestação do Ressuscitado. Olhemos para os nossos jovens, para a comunidade, para a humanidade... onde vemos as manifestações da “fome de Deus”, capacidades ou incapacidades de “reconhecê-lo”. “Eles o reconheceriam ao partir o pão”. Esta “fração do pão” é o momento fundamental. Avalio a centralidade da Eucaristia na vida de cada dia e da comunidade..

Oração

Façamos nossa a invocação: “Fica conosco”. Aqueles discípulos não podem ficar sem o Desconhecido que lhes abriu o coração. Repetamos muitas vezes esta frase, interiorizando-a, rezemos a partir dela, para que também nós não consigamos ficar sem Ele: “Fica conosco, Senhor”.

“Eles o reconheceram ao partir o pão”: rezar-pedir-suplicar, ter olhos capazes de reconhecer o Senhor, um coração que viva intensamente cada Eucaristia, para poder reconhecê-lo também em outras manifestações suas. Compartilhemos algumas ressonâncias da nossa oração.

Contemplação – Empenho

Não basta estudar e rezar a Palavra de Deus; é necessário que ela dê frutos em nossas vidas. De que modo encarnar uma “vida eucarística”, como Maria, a “Mulher eucarística”? Como podemos tornar mais evidente o fato de que a Eucaristia é “o centro do dia”, o momento em que a nossa comunidade se enraíza e se renova? (C. 40). Somos capazes de reconhecer o Senhor não apenas na Eucaristia, mas também nas outras formas de sua presença?

Oração final: “Fica conosco, Senhor, porque a noite está chegando e, sem Ti ao nosso lado, nada é justo, nada é bom”. (E. Vicente)

esalas@iglesiacatolica.org.pe



Uma casa em construção

Carla Castellino

É a novidade que os jovens esperam de nós: “passar de uma casa já feita a uma em construção com a participação de toda a comunidade educativa, envolvida no pensar, rezar e agir. Onde ninguém se sinta já pronto ou creia que apenas o outro deva mudar”.

Os jovens nos querem “capazes de construir relações verdadeiras, de abrir as estruturas, as mentes, os corações, de compartilhar a cotidianidade com todos os que cruzam a soleira das nossas casas, com uma presença autêntica e simpática que saiba deixar de lado o perfeccionismo e a preocupação de controlar, criar espaços de diálogo para viver o mandamento do amor em espírito de família, compartilhar também as dificuldades e procurar juntos, as soluções”. Desejam ser por nós “encorajados”, apoiados no aprofundamento da fé e das responsabilidades sociais, eles nos querem disponíveis ao acompanhamento espiritual para ajudá-los a encontrar o sentido daquilo que vivem, sem respostas pré-fabricadas, com uma linguagem mais moderna e criativa”. Pedem-nos para ser testemunhas da “*casa fundada sobre a Rocha*, em que o Amor de Deus se manifesta na comunhão fraterna, sinal tangível que os fascina, os faz sentir em casa, os contagia e, passo a passo, os conduz ao encontro com Jesus” (Atos CG XXIII nn. 17-18; p. 162).

A fraternidade: atração irresistível

A comunidade religiosa, coração da comunidade educativa é para cada fma, o primeiro lugar da convivência fraterna, necessário para que os jovens possam acreditar que estas experiências são possíveis.

A Madre, no seu discurso de abertura do CG XXIII afirmou: “Com os jovens e com toda a comunidade

educativa nós nos empenhamos em construir a casa da fraternidade por meio de relações humanizantes. A relação nos salvará do individualismo e da autorreferência. Somos chamados a reavivar a profecia da fraternidade e a fazer com que ela alcance as periferias existenciais do nosso coração e de todas as pessoas que encontramos no caminho”. O Reitor Mor sublinhou que a fraternidade é um dos aspectos essenciais que constituem a nossa vida religiosa salesiana. Augurou um contínuo crescimento a fim de que “a nossa vida comunitária tenha realmente toda a força daquela atração de que goza a fraternidade vivida segundo o Evangelho, até o ponto de ser irresistível na sua atração” (Atos do CG XXIII n. 26; pp. 111; 142).

Uma fraternidade que alimenta o espírito de família.

O espírito de família: herança preciosa

Madre Elisa Roncallo, definida por Dom Bosco: «alma angélica..., coração feito para amar e fazer-se amar por todos, pela sua humildade, doçura admirável e forte paciência», foi aquela que favoreceu a irradiação do espírito salesiano do Instituto à sociedade e que promoveu, no Instituto, o espírito de família.

Como Conselheira Geral escreveu 8 circulares sobre o espírito de família (24 de julho de 1916/24 de julho de 1917), nas quais, exorta as fmas a retornarem aos valores que fundamentam e constroem o clima educativo salesiano.

O *espírito de família*, na interpretação de Madre Elisa, está baseado na *caridade*, na *gratuidade*, na *confiança recíproca* entre superiores e irmãs, entre irmãs e irmãs, e provém do desejo comum de ajudar-se, de aceitar-se, de completar-se mutuamente; de tornar a vida bela e serena no serviço do Senhor. É um clima que se constrói graças à colaboração de todas e de cada uma e tem como imprescindível fundamento o amor de Deus e como modelo ideal a experiência vivida pelos Fundadores. O espírito de família é, então, caridade que se expande e se revigora nas relações

por meio de algumas atitudes características:

Santo desinteresse: retidão e busca do bem-estar dos outros.

Disputa de delicada caridade entre as casas e as irmãs: partilha de bens materiais e espirituais, sem fazer sentir o 'meu' e o 'teu'.

Fraterna disputa de estima e de mútua consideração: apreço recíproco, saber gozar com o sucesso dos outros e dar a cada irmã o lugar de honra que lhe é devido; dar-lhe este lugar em nossa mente, em nosso coração, em nossas palavras e em nossa vida prática.

Disputa bem entendida de recíproca confiança que não é manifestação indevida das próprias impressões com dano da caridade e da união fraterna, mas a familiar e recíproca troca de pensamentos e sentimentos que une em um só coração diretora e irmãs, fazendo-as sentir que são comuns não apenas os bens espirituais e materiais, mas também as alegrias, as conquistas, os sofrimentos, as preocupações, as responsabilidades, tudo, em suma, que interessa à casa e nela contribui para a verdadeira vida.

Disputa recíproca de nobres franquezas: saber dizer a palavra da verdade que, dita em tempo, impede a falta, ou logo a remedeia, sem deixar vestígios de mágoa ou de desconfiança, e que não exclui a

a cortesia, a oportunidade e a prudência. Uma palavra preparada com sabedoria na oração, que sabe esperar com paciência o momento da calma, a ocasião favorável e sabe fazer seguir à correção um gesto de estima e de afeto para demonstrar que a falta, ou o erro corrigidos, foram completamente esquecidos.

Madre Elisa afirma: se todas as FMA vivessem estas atitudes "como seria mais amável a família espiritual, que se tornaria, também, a família do coração!". O espírito de família não é apenas uma bela herança a ser cuidada, mas um desafio ao qual responder no nosso cotidiano, no nosso caminho de conversão a ser percorrido com determinação e coragem.

O espírito de família: um desafio

"O espírito de família desafia a comunidade educativa ao aprendizado de uma comunicação autêntica, simples e franca, para criar um ambiente aberto e favorável à maturação de cada pessoa, onde todos se sintam guardiães e responsáveis por cada membro, e não apenas unidos por tarefas a serem desempenhadas." (Atos do CG XXIII n. 27). Como acolher e responder a este desafio?

ccastellino@cgfma.org

Para aprofundar: Giuseppina Mainetti, *Madre Elisa Roncallo entre as primeiras discípulas de S. João Bosco*, Turim, Instituto das FMA 1946; Lina Dalcerci, *Tradições salesianas, espírito de família*, Roma, Instituto das FMA 1973; Piera Ruffinato, *A relação educativa. Orientações e experiências no Instituto das FMA*, Roma, LAS 2003.

Um olhar sobre o mundo



Junto aos Rom

Anna Rita Cristaino



Ir. Slávka Buatková é diretora da comunidade de Kosice na Eslováquia. Juntamente com Ir. Anna Chrkavá e Ir. Alzbeta Sárközová, que compõem a comunidade, vai todos os dias ao bairro Lunik IX habitado por mais de 6.000 Rom que vivem em

condições de superpopulação e que, muitas vezes, são privados dos mínimos serviços. A água corrente está à disposição somente poucas horas por dia e suas habitações muitas vezes estão privadas do aquecimento.

O trabalho das Filhas de Maria Auxiliadora segue um projeto compartilhado com os salesianos que construíram uma Igreja e um Centro Pastoral para se colocarem com mais eficácia a serviço dos habitantes do bairro.

Os ciganos, sobretudo os da etnia Rom constituem 7,5% da população total da Eslováquia. Do ponto de vista econômico, a maior parte deles pertence ao grupo que tem a menor taxa de renda: um décimo da população Rom vive na pobreza. Segundo os dados do recenseamento de 2011, 10% da população declaram não pertencer a nenhuma religião, enquanto 79,6% se dizem adeptos do cristianismo. Outros pertencem a outras religiões não cristãs. Mas os Rom das igrejas cristãs habitualmente demonstram um certo interesse apenas com relação ao batismo e ao sepultamento. Falta-lhes participar da vida ativa da paróquia. Na realidade não consideram Jesus e a sua mensagem evangélica como parte integrante de sua vida pessoal.

A escolha pelos pobres no ambiente dos Rom pelos salesianos, nasceu em Bardejov no vilarejo Postarka onde, em 1991, o salesiano Dom Pedro Besenyei, começou o seu trabalho. Gradativamente, a presença dos salesianos difundiu-se por Jarovnice e Michalovce. Depois do ano 2000, foi iniciado o trabalho entre os ciganos também na Eslováquia ocidental, em Plavecky Stvrtok, em colaboração com as fma.

Em 2008 chegou o convite da arquidiocese de Kosice para o desempenho deste trabalho em Kosice no bairro Lunik IX: neste lugar a ação foi começada, pelos salesianos e fma e também por um grupo de voluntários leigos que fazem parte da comunidade.

A presença entre os Rom

As fma vivem e trabalham entre os pobres. A presença entre eles requer *o ser e o viver com e pela missão*, a fim de encontrar vias alternativas e chegar ao coração dos destinatários. Por isso é importante repartir a missão entre sdb, fma e leigos. De fato, “vida” entre os pobres significa que os membros da comunidade-equipe, vivem no meio deles, rezam junto com eles, apoiam o funcionamento do Centro, procurando dinamizar os procedimentos úteis para a evangelização, para a catequese e a práxis pastoral e, sucessivamente fazendo a sua avaliação. “Interação” com os pobres significa tornar-se sensíveis às necessidades do corpo e do espírito dos destinatários, abrangendo a pessoa em sua integridade, no contexto do lugar em que vive. O “caminho de pesquisa” requer, antes de tudo, o conhecimento das dinâmicas da vida nos vários sites locais, de modo que a missão envolva os membros da comunidade cigana, em vista do desenvolvimento de uma ativa comunidade cristã.

As fma, em particular, visitam as pessoas em suas casas, constituídas principalmente por barracos construídos por eles mesmos, ou velhos apartamentos surrados. Nessas visitas, colocam-se à escuta procurando compreender quais são as necessidades mais urgentes e quais as problemáticas mais importantes a serem resolvidas.

Relata Ir. Slávka Butková: «Na Eslováquia trabalhamos com os Rom a partir dos 7 anos de idade, no bairro Lunik IX, em Kosice (uma cidade do Leste da Eslováquia) bairro onde moram somente os Rom. Antes, já havíamos trabalhado 10 anos em Plavecky Stvrtok e, ainda, 5 anos em Michalovce. Portanto, desde 2003 dedicamo-nos intensamente a esta missão. Trabalhamos, também, em Nitra, por 3 anos.

Em Lunik IX e em Nitra dedicamo-nos especificamente apenas à pastoral dos Rom, isto porque parte da população Rom vive marginalizada pelo resto da cidade, quase como em um gueto.

Em nosso trabalho encontramos algumas dificuldades. É muito difícil, por exemplo, falar de Deus; existe uma pobreza extrema e é difícil fazer sentir que Deus é bom e cuida de todos. Os Rom, em Lunik IX, não veem satisfeitas as suas necessidades fundamentais, sendo que não têm água, devem trazê-la em latas, não têm alojamentos adequados, vivem nos barracos que são construídos com aquilo que encontraram perto dos contêineres, ou se têm um apartamento que precisa de conserto, devem repará-lo às suas próprias custas

Existe uma alta taxa de desemprego, também porque quando encontram um trabalho, se o empregador descobre que se trata de um Rom, volta atrás. Constatamos que isso acontece com muita frequência. Procuramos um trabalho para eles, mas logo em seguida depara-se com muita desconfiança. Isto causa problemas econômicos, e a maioria se encontra vivendo apenas com as pensões sociais de aproximadamente € 60 com os quais devem pagar o aluguel, a eletricidade e todo o restante da despesa.

Sendo assim, conseguem comprar parceladamente e quando não têm com que pagar carregam o peso dos credores; alguns deles ficam endividados a vida inteira.

Procuramos resolver, junto com eles, diversos problemas práticos que precisam ser enfrentados, como, por exemplo, apresentar os documentos para as pensões ou os salários etc.

Mas a nossa vivência junto deles traz-nos, também, muitas alegrias. Quando estamos com os Rom percebemos que nos aceitam e o exprimem também, com palavras ou gestos. Mais de uma vez já nos disseram: «desde que as Irmãs estão conosco, sentimo-nos melhores, nossos trabalhos fluem, tanto no acerto das diversas documentações com as

instituições, como no ambiente que está se tornando menos rude, onde se procura um comportamento melhor e, se eventualmente acontece algum erro, a presença das Irmãs nos ajuda a dar um passo para pedir desculpas».

Percebemos que haveria muito mais a fazer, mas para isso seria necessário que todas as instituições em Lunik IX enfrentassem esta situação com responsabilidade, promovessem encontros e, juntos, refletissem sobre o que fazer. Grande importância têm também os encontros dos grupos coetâneos, o oratório dominical, o coral dos jovens e das crianças, para que, por meio das crianças e dos jovens se possam atrair melhor os pais.

Há episódios muito bonitos e interessantes. Muitas vezes, por exemplo, as mães vêm até nós para pedirem roupas para os seus filhos. Quando chegam, vou com elas buscar a roupa, e é preciso passar pela Igreja para chegar ao local da Caritas. Então, ali, rezamos juntas, agradecemos a Deus e peço ao Senhor a proteção para aquelas famílias. É uma coisa breve, porém, as mães rezam sinceramente. Certo dia, enquanto estava entregando a elas as roupas da Caritas para os filhos, percebi que uma das mães tinha os filhos muito sujos, os rostinhos enlameados, não tinham sido lavados pelo menos há uma semana, os cabelos despenteados, as vestes muito sujas. Disse-lhes, então: “bem, mães, eu lhes dou as roupas limpas, porém quero ver os seus filhos lavados e limpos e que vocês conservem limpas estas roupas para o uso (porque muitas vezes acontece que a mãe vende as roupas limpas e o filho continua usando as sujas). Duas horas mais tarde, uma dessas mães veio até nós, ao escritório, para fazer as tarefas e eu percebi que os filhos estavam lavados, penteados, com roupas limpas, e quase não os reconheci. Então,

elogiei aquela mãe e ela se sentiu bem, gratificada e orgulhosa com a beleza de seus filhos e com ela mesma, que havia conseguido colocá-los em ordem, só que, talvez, ninguém antes havia lhe falado para fazer deste modo. E assim, passo a passo ensinamos as mães a cuidarem de seus filhos e lhes falamos da presença de Deus, dizendo que tudo (as roupas ou outras coisas boas) provém d’Ele e que devem agradecer-Lhe, também aos domingos na missa».

Uma vida mais visível

O trabalho das nossas Irmãs, portanto, dirige-se à pessoa na sua inteireza. Há promoção humana, assistência, educação e evangelização. Tudo para tornar, no bairro, a vida mais visível e mais digna. Com frequência os Rom não conhecem bem o eslovaco, então as mães os acompanham na busca de trabalho. Empenham-se em ajudá-los a encontrar as pessoas certas que possam resolver os seus problemas ou oferecer-lhes um trabalho. 95% da população Rom encontram-se desempregadas.

Por tudo isso é importante um trabalho em equipe que chegue aos pequenos e às famílias para que possam tomar consciência do seu valor e empenhar-se em construir um futuro melhor para aquele bairro. Nem sempre é fácil. Muitas vezes os que conseguem estudar e emancipar-se de uma situação de precariedade, deixam Lunik IX e acabam não reinvestindo o que receberam em favor dos que vivem lá. Por isso a presença das Filhas de Maria Auxiliadora e dos Salesianos é garantia de continuidade e de apoio a uma população que quer crescer.

arcristaino@cgfma.org

Vida Consagrada



Comunicação e Missão

Patrizia Bertagnini

No confronto difícil e estimulante do diálogo intergeracional, as nossas capacidades comunicativas e educativas encontram o seu banco de testes. A ocasião de avaliação que ele representa para os modelos relacionais que adotamos pode claramente indicar se estão adaptados à lógica da encarnação, que pede para passar da vigilância à visibilidade, da escuta ao acompanhamento, da narração à evangelização.

Temos uma missão

Na experiência educativa de Dom Bosco e na tradição do Instituto, o dom do carisma exprime-se num estilo de vida caracterizado por um forte impulso missionário, uma vocação evangelizadora que se realiza privilegiando a educação de quem se encontra em situação de pobreza e de risco. Nesta perspectiva a fórmula “evangelizar educando e educar evangelizando” responde bem ao empenho de fazer da educação um espaço em que se comunicam significados úteis ao crescimento humano e cristão; e da evangelização a oportunidade de amadurecimento em plenitude para a pessoa, segundo os ensinamentos de Cristo. Tal tarefa missionária cruza-se, porém, com uma realidade juvenil em contínua mutação que, em muitos contextos, evidencia alguns riscos: nivelar-se a um relativismo ético autorreferencial; viver a realidade virtual como antídoto à incerteza, à desorientação, à precariedade; a fadiga de uma experiência profunda, incisiva, distante dos estereótipos que caracterizam a religiosidade dos adultos.

Os jovens sim, porém...

Então, como reduzir a distância entre nós e o mundo juvenil? E, sobretudo, como superar a tentação de se pensar inadaptadas a esta grande tarefa?

O contexto, em que vivemos, muda com uma velocidade à qual não estamos habituadas: é uma verdadeira e real revolução a das mídias pessoais, dos smartphones, porque permitem desvincular-se do pc e ficar sempre conectados, em movimento, conduzir uma existência que nunca desliga o plugue. A Web, hoje, transformou-se no lugar da conversa, do envolvimento, da troca contínua; em suma, num espaço de participação para o qual nos sentimos, muitas vezes, despreparadas. A mídia atual, essencialmente, deixou de ser mediadora entre a pessoa e o mundo e se tornou protagonista em primeiro plano da vida social. Se esta é a realidade na qual estamos imersas, ocorre decidir se é para adaptar-se simplesmente a ela, ou habitá-la e torná-la habitável, transformando-a num ambiente em que a nossa humanidade e a dos

jovens possa expressar-se.

De fato, esta é a aposta à qual a era hipertecnológica nos desafia: apoiar o humano com solicitude e atenção, para evitar deixar-nos oprimir por um modelo técnico que nós é impossível dominar, lentos como somos para captar e elaborar os seus significados a respeito de sua velocidade de desenvolvimento.

Para além de todo o medo

Superar o medo de não ser compreendido é, então, o primeiro passo para propor ao jovem de hoje a mensagem cristã. Chega-se à tal meta com a convicção de que a nossa paixão educativa se enraíza na linguagem do amor que pode ser entendida por todos, em todos os tempos, em todo lugar. Nesta ótica é possível recuperar a nossa tradição como horizonte no qual colocar-se como comunicadores cristãos.

«*Que os jovens não apenas sejam amados, mas que se sintam amados*». A dimensão da **vigilância** declinada na sua tríplice acepção: de atenção para permanecer acordados, capacidade para ir além da mera aparência, atitude de preocupar-se com o outro. A isto se acrescenta a necessidade de despertar e de abrir os olhos sobre um mundo que – embora não se perceba – tem necessidade da mesma luz que deu claridade à nossa experiência de vida. «*[...] amados naquelas coisas que lhes agradam*». O tema da **escuta**, sublinha Mons. Pompili, «realiza operativamente um grau peculiar – talvez o mais alto – da comunicação». A escuta permeia a ação educativa a tal ponto que a própria educação é, na sua natureza, um ato de escuta, de atenção profunda às perguntas do outro, de sintonia com o seu modo de viver e com as suas expectativas. Neste sentido, amar os jovens significa entrar com respeito e delicadeza no seu mundo, no seu espaço, feito mais de medos do que de esperanças, mais de incertezas do que de perspectivas, mais de expectativas do que de iniciativas; acompanhá-los e descobrir que também para além da soleira daquele mundo eles têm o direito de ser reconhecidos na sua unicidade e irrepetibilidade. «*[...] aprender a ver o amor naquelas coisas que naturalmente pouco lhes agradam*». A dimensão da **narração**, porque, não existe processo formativo que não seja narrativo e relacional: narra-se e ao mesmo tempo que se conta, também expressa-se a si mesmo negociando a situação que favorece uma interação pessoal, construindo, deste modo, significados, realidades eventuais, futuros possíveis. Ocorre cultivar a consciência de que o fato de narrar nunca é inocente, neutro ou superficial. Ele incomoda a nossa tranquilidade chamando-nos à necessidade de voltar à discussão, de propor e aceitar o outro em

percursos autobiográficos que exijam autenticidade de vida e enraizamento no Evangelho. O relato mais importante e profundo é uma Boa Notícia que ajude a dar à própria vida uma direção significativa, a orientar



para um senso subsequente que interpele a responsabilidade pessoal.

suorpa@gmail.com

Que homem e que mulher temos hoje diante dos olhos? Quais são os desafios e as atualizações necessárias para uma vida consagrada que queira viver com o mesmo “estilo” do Concílio, isto é, em atitude de diálogo e de solidariedade, de profunda e autêntica “simpatia” com os homens e as mulheres de hoje e a sua cultura, o seu íntimo “sentir”, a sua autoconsciência, e suas coordenadas morais?»
(*Congregação para os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica, Perscrutai, n. 13, Roma, 2014*)

Vídeo



AS CRIANÇAS SABEM

de Valter Veltroni – Itália - 2015

Mariolina Parentaler



« 'As crianças sabem', o segundo filme do ex-presidente da Câmara de Roma Walter Veltroni, interroga o nosso futuro – assina concorde a crítica. Explora o mundo da infância com o seu estilo, oferecendo-nos um olhar importante sobre um mundo constantemente descuidado ». O documentário chega depois do sucesso do precedente 'Quando existia Berlinguer', há pouco tempo premiado com a Faixa de prata. É uma viagem através da Itália, da vida e do futuro, com os olhos das crianças. Falam trinta e oito crianças entre 8 e 13 anos, “de todas as classes sociais, de muitas regiões italianas – explica o autor – de diversas culturas e religiões. Contam suas vidas, falam de sua relação com a família, com o amor, com a esperança e também com Deus”. Um projeto louvável que procura restituir, na complexidade de hoje, a sabedoria inata da infância. 'As crianças nos observam' nos advertia Vittorio de Sica, 'As crianças sabem', insiste Walter Veltroni, mas é preciso parar, colocar-se à sua escuta. Eis, portanto, o suceder-se de separações de vida, vistas à altura de um olhar que enternece pela inocência e desconcerta pela consciência (talvez 'inconsciente'), remetendo ao quadro de um país inteiro.

O documentário relata a visão dos pequeninos

A estrutura é simples: a entrevista. Mas há um quebra-cabeça da Itália de hoje e do futuro, nos rostos das 39 crianças que o diretor “interrogou” entre as paredes reconfortantes do seu quarto, revelando graciosamente o retrato variegado de uma geração. Neste seu trabalho ‘cede’ literalmente a palavra a elas, as crianças. Veltroni adentrou a infância mais invisível de hoje, indo em busca de histórias particulares, de crianças que tivessem alguma coisa de interessante para dizer. E encontrou muitas. Apesar da aparente simplicidade, o coração do filme está, exatamente, no elenco muito bem cuidado: os protagonistas foram escolhidos a partir de uma lista de 350. Rostos significativos, representantes de diversidades sociais com todo tipo de trauma. Um filipino em dificuldades econômicas, uma criança nigeriana abandonada pelo pai, uma menina muçulmana que dialoga com as outras religiões, o Rom com o pai preso, o pequeno circense, o gênio matemático, o doente com leucemia afastado dos companheiros, duas gêmeas,

uma das quais com síndrome de Down, a filha de um casal de lésbicas, os filhos órfãos de um pai hebreu homossexual e o neto de uma vítima do terrorismo.

Mas cada história, mesmo as mais tocantes e dolorosas, na boca das crianças se tornam relatos coloridos de argúcia e pureza. Fora da tela, o diretor abre o discurso com uma simples pergunta e depois deixa a cena ao pequeno protagonista do momento, que – tímido ou extrovertido, envergonhado ou divertido – ocupa-a com surpreendente autenticidade. Os sorrisos são frequentes e escuta-se, capturados também, por certas “pílulas de sabedoria desconhecidas e muito adultas”. Faces viçosas, novas, olhos profundos que sabem acompanhar bem as palavras pronunciadas com acentos diversos, de Norte a Sul e – mesmo com poucas imagens – conseguem fazer-nos conhecer situações familiares e sociais. Entusiasta do cinema como é, o diretor-político abre o seu relato colocando em fila muitas cenas célebres de filmes que tiveram nas crianças os seus heróis, a partir do pequeno Antoine Doinel (Jean-Pierre Léaud) que fechava com uma corrida para o mar o fulgurante filme de estreia de François Truffaut, ‘os quatrocentos golpes’. É o primeiro extraordinário voo sobre o qual se abre o filme e anuncia: as crianças são aqueles filhos que podem restituir vento à barca encalhada da nossa história.

Reportam em primeiro plano o seu movimento ‘vital’, físico, instintivo de filhos. Um tema querido ao narrador Veltroni: a crise, a dor, a derrota não são fechamentos, mas ocasiões para dar mais densidade e abertura à vida. Também hoje se trata de interrogar a passagem entre as gerações e descobrir exatamente que ‘os filhos sabem’; de potencializar um processo de filiação – sobretudo onde parece sulcado por um trauma, por um vazio, por uma ausência ou por uma descontinuidade insensata. As palavras das crianças são levadas a sério assim como os seus desejos, e a responsabilidade dos adultos é a de não deixá-los sozinhos e de não sufocá-los com as suas expectativas e os seus preconceitos. A dimensão política do filme consiste exatamente em indicar como essencial para cada discurso educativo “a restauração do pacto simbólico entre as gerações”: o adulto não deve evitar a responsabilidade da resposta às inquietações e às esperanças dos seus filhos. E esta resposta consiste, antes de tudo, na escuta da sua palavra.

PARA REFLETIR

Sobre a ideia do filme

Depois de passado (Quando existia Berlinguer) o diretor e político Veltroni convida e escolhe olhar para o futuro mediante a infância.

« Assim o faz em busca dos valores da “esquerda que quereria” (para citar um dos seus últimos livros): pacifismo, igualdade, direitos civis – escreve Raffaella Giancrisofaro. Assim o faz opondo uma primitiva, presumida pureza das crianças ao cinismo da idade adulta/política. Na esperança de que, fazendo-os enunciar pelos seus protagonistas (os adultos de amanhã) tais valores se imprimam no DNA do País ». É assim e é este o mérito, mas também o limite do filme. Em vez de aprofundar um discurso alto sobre nossas responsabilidades adultas, Veltroni limita-se a confirmar uma ideia das crianças (e da Itália) no todo feliz e ‘esperançoso’. A sua boa fé nos comove, mas não precisa exagerar, é necessário permanecer com os pés no chão, voltar às crianças, à sua condição e ao destino que nós adultos lhes preparamos. Tornar-nos responsabilmente conscientes de que respeitá-los quer dizer saber acolher aquilo que de novo e de eterno podem expressar e podem dar-nos. Escutá-los quer dizer ajudá-los a entender, a confrontar-se com quem está disposto a ensinar-lhes, mas também a aprender com eles, numa ótica generosa de mudança, libertação, solidariedade.

Sobre o sonho do filme

A frase de uma espectadora de doze anos: “Espero que os nossos pais o vejam, assim nos compreenderão melhor”.

Valter Veltroni definiu-a “o melhor elogio”, tanto que a expressão foi escolhida para o pôster. Continua a ser, efetivamente, o slogan ideal, capaz de sintetizar a intenção do autor como a mensagem da obra: “As crianças sabem muitas coisas, podem ensiná-las aos adultos”.

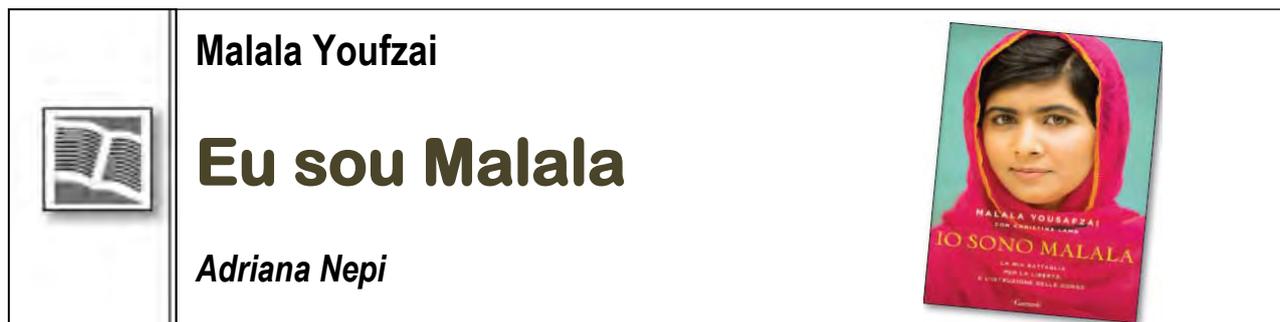
Esta segunda direção de Veltroni parte de O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry: “Os grandes não entendem mais nada sozinhos e as crianças se cansam de explicar-lhes tudo vez por vez”.

Também por isso *A Nação* comenta: «Entre ‘As crianças nos observam’ (1943) de Sica e ‘Comícios infantis’ (2007) de Stefano Consiglio, o ‘buonista’ Veltroni devolve ao remetente o rótulo e conta sobre a verdadeira sensibilidade da escuta.»

De fato, nas suas entrevistas e filmagens das crianças, torna frequente uma palavra que é: ‘solidão’. Muitos dizem que se sentem sós.

Do ponto de vista pastoral a obra não é para ser desperdiçada, sintetiza a CNVF: “Aconselhável pelo estímulo que propõe como ponto de partida para enriquecer o argumento com subsequentes e importantes contribuições num diálogo com adultos e com as crianças, numa dimensão também educacional e didática”.

m.perentaler@fmailitalia.it



“Eu sou Malala. O meu mundo mudou, mas eu não”... Termina assim a autobiografia desta juvenzinha de dezesseis anos a quem em 2014 foi conferido o Prêmio Nobel da Paz.

Quem é Malala

Nascida no Paquistão, numa viagem ao vale do Swat, encheu o mundo, pode-se dizer, com a sua extraordinária história, tornando familiar o seu simpático rosto redondo, sua palavra fácil, seu gesto energeticamente assertivo.

« Vivo num lugar – escreve – que está cinco horas atrás do fuso horário com relação ao Paquistão. Mas o meu país está atrás séculos com relação àquele onde me encontro agora. Quando estou à janela e olho para fora, vejo edifícios altos, ruas cheias de veículos em filas ordenadas, calçadas limpas... Fechando os olhos por um instante, retorno ao meu vale: as altas montanhas com picos nevados, o verde ondulado dos campos, as águas frescas e azuis dos rios, então, o meu coração sorri vendo a gente do Swat... depois me lembro que estou em Birmingham, na Inglaterra...».

O dia em que tudo mudou era 9 de outubro de 2012. Naquele dia ela se dirigia para a escola com algumas companheiras. Mas era, pode-se dizer, uma escola proscrita. Seu pai a havia fundado, antes do seu nascimento: era um homem de alma aberta e corajosa, não ligado aos preconceitos ambientais, como a pretensão dos talibãs que negam à mulher o direito de instruir-se e progredir.

Ele tinha muito orgulho daquela sua primogênita, vivacíssima e ardorosa, desde pequena capaz de pensar com a própria cabeça, com uma vontade irresistível de fazer mudar o que no mundo via de errado. Mas, estava certo ele que a havia inspirado e encorajado.

Certa vez, passando ao lado de uma lixeira, Malala viu uma menina com um grande saco nas mãos, tentando dividir a imundície, empilhando-a

(uma pilha de tampas de garrafa, outra de latinhas, etc.) e relatou ao pai, pedindo a ele que fosse ver. Foi e viu outras meninas procurando no lixo objetos para reciclar. Explicou-lhes que, provavelmente, os objetos que encontravam na imundície, iriam conseguir vender muito barato, a qualquer comerciante, o qual, por sua vez, os revenderia a uma indústria de reciclagem. E voltou para casa com os olhos banhados de lágrimas. Sua mãe e seu pai estavam sempre prontos a ajudar os outros. “Aba (papai) o senhor deve dar-lhes um lugar grátis na sua escola!”. Na realidade, em sua escola, já eram muitas as inscrições gratuitas. Para combater a miséria era necessário combater a ignorância. Sabia-se que, por agir assim, o mestre corajoso havia recebido ameaças, mas parecia impensável que o ódio dos talibãs pudesse atentar contra a vida de inocentes mocinhas unicamente culpadas por... frequentarem a escola.

Coragem, liberdade e justiça

“Aquele dia havia começado como todos os outros – relata a protagonista deste livro fascinante como um romance – apenas um pouco mais tarde, por ser tempo de provas, e eu estava feliz, porque havia dormido um pouco mais, entre o canto dos galos e o chamado à oração pelos muezins. A escola não era muito distante. A caminhada era apenas de cinco minutos, mas eu preferia ir de ônibus, para me encontrar e bater um papo com minhas amigas...”

Dois desconhecidos pararam o ônibus em que viajávamos, perguntaram quem era Malala (conheciam a sua propaganda em favor do direito ao estudo), e instintivamente as companheiras se voltaram para ela. Houve um tiroteio, do qual Malala saiu viva quase milagrosamente, porém, gravemente ferida, enquanto duas companheiras, levemente feridas. O jornal de todo o mundo divulgou a notícia e houve uma correria para salvar a jovem, que se tornou um símbolo da coragem na defesa da liberdade e da justiça. Transportada de avião para a Inglaterra, confiada a

eminentes especialistas em neurocirurgia (que foram necessárias pela natureza das lesões), quase milagrosamente Malala sobreviveu... para continuar a sua luta.

“Eu sei que foi Deus que me impediu de terminar numa sepultura. Tenho a impressão de que a vida que estou vivendo não é mais a minha vida, mas uma espécie de segunda vida. O povo rezou a Deus para que me salvasse a vida e eu fui salva por uma razão, para poder usar esta segunda vida para ajudar os outros... Certa vez pedi a Deus quatro ou cinco centímetros de altura a mais” – diz aludindo ao seu desprazer de adolescente por ter baixa estatura – “mas em troca me fez alta como o céu, tão alta que não sou mais capaz de me medir... Eu amo a Deus. Agradeço ao meu Allah. Falo com Ele todos os dias. Dando-me esta altura diferente da qual falar ao povo, Ele me conferiu também grandes responsabilidades. A paz em cada casa, em cada rua, em cada vilarejo, em cada

nação, este é o meu sonho. A instrução para cada menino e menina do mundo. Sentar-me nos bancos da escola e ler livros juntamente com todas as minhas amigas, é um direito meu. Ver cada ser humano sorrir de felicidade, é o meu desejo”.

“Esta é a sua oportunidade”, pensei quando me foi dada a possibilidade de falar às Nações Unidas. Diante de mim havia quatrocentas pessoas, mas eu via milhões, queria alcançar todas as pessoas que vivem na pobreza, as crianças obrigadas a trabalhar, aqueles que sofrem por causa do terrorismo ou pela falta de instrução. Esperava falar a cada menino, a cada menina para que possam encontrar a coragem de se levantar e fazer valer os próprios direitos.

«Tomemos nas mãos os nossos livros e as nossas canetas – disse – são as armas mais poderosas para mudar o mundo». Esta é a causa à qual quero dedicar a minha vida. “Eu sou Malala. O meu mundo mudou, mas eu não”.

Música



Entre cidade e periferia

Mariano Diotto

As canções sempre foram utilizadas para denunciar as situações incômodas e sensibilizar o público, os políticos, a sociedade sobre as dificuldades sociais e sobre as imoralidades do mundo. A dualidade entre cidade e periferia revestiu-se no tempo, de duas posições bem precisas: a cidade vista como inovação e tecnologia, enquanto a periferia como degradação e pobreza.

Nos últimos anos a visão cidade-periferia está se revertendo enquanto as cidades estão se tornando sempre mais o emblema do vazio-construído e do anonimato, enquanto a periferia é sinal de retorno às tradições, à natureza, à simplicidade. Os compositores-intérpretes cultivam dentro de si esta particular sensibilidade e, além das típicas canções de amor, sabem também comover-nos enfrentando estes temas de atualidade, mas ao mesmo tempo espinhosos, por meio de músicas e textos que falam diretamente ao coração do público, talvez disfarçadas por simples baladas ou por motivos cativantes.

Chapman e a pobreza que se torna redenção

Era o ano de 1988 quando apareceu na cena mundial esta cantora de Cleveland que graças a uma bolsa de

estudo para estudantes negros carentes, consegue laurear-se em *Antropologia e cultura afro americana* na Tufts University de Medford e a chegar ao público com uma canção que já passou para a história: *Talkin' 'bout a Revolution* onde diz: « *Os pobres se levantarão / tomarão o que lhes pertence...* ». Começa assim a sua viagem de cantora-intérprete que a leva a contar a degradação das periferias e as injustiças sociais. Não poucas dificuldades ela encontra, quando publica em 1989 a canção *Subcity* com uma clara e direta crítica ao Presidente dos Estados Unidos Georg Bush: « *A gente diz que não existe / Porque ninguém quereria admitir / Que existe uma cidade subterrânea / Onde a gente vive todos os dias / entre as rejeições e a degradação / entre os descartes do seu próximo. Aqui nos subúrbios a vida é dura / Não pudemos receber nenhum conforto / Gostaria de lhe dar Senhor Presidente as minhas honestas saudações / Por haver-me ignorado* ».

Dá-me esperança: Gimme Hope Jo'anna

Foi uma das canções mais cantadas em 1988 em todo o mundo. O texto da canção é um ataque explícito de Eddy Grant, cantor guianense naturalizado britânico, à política de segregação racial chamada Apartheid e instituída pelo após-guerra do governo de etnia branca na África do Sul.

Jo'anna, de fato, é o diminutivo da famosa cidade de Joanesburgo onde se desenvolveram violentas lutas entre a polícia e a população de cor negra procedente dos campos. Na canção são também citados os dois 'Nobel da Paz', Nelson Mandela e o arcebispo anglicano Desmond Tutu que, naqueles anos, lutaram pela libertação do povo sul-africano. O motivo muito alegre, e que se pode bailar, conseguiu fazer a canção rodar pelo mundo todo levando uma mensagem de liberdade e a sensibilização a um problema que o mundo ocidental tendia a ignorar.

Another Day in Paradise, com Phil Collins

Esta canção, datada de 1989, é o relato dos sem-teto que diariamente vivem pelas ruas sem uma morada fixa. « Ela chama o homem na rua / ele vê que ela chora / ela tem os pés recobertos de bolhas / não consegue caminhar, mas está tentando ». O estilo musical desta balada é completamente diferente daquela utilizada pelo cantor, até aquele momento, e pelos Genesis, dos quais havia feito parte. Esta reviravolta sobre temas de sensibilização social

permitiu a Phil Collins começar uma carreira musical com canções mais significativas e de conteúdo de valor até a sua aposentadoria oficial das cenas musicais, em 2011.

Também os cantores contemporâneos encaram estes temas tão empenhativos: *Where is Love* dei Black Eyed Peas, *Clandestino* de Manu Chao, *People are people* dos Depe Mode. *Living Darfur* dei Mattafix, I clandestini de Riccardo Cocciante do musical *O corcunda de Notre Dame*, *Chernobyl* de Paola Turci, *Heal the world* de Micheal Jackson, *Working class hero* Green Day, *O impossível viver* de Renato Zero, *A voz de Laura Pausini*.

Tracy Chapman provoca com suas palavras: «O que fiz para merecer isto / Tinha fé em Deus / Trabalhei todos os dias da minha vida / Pensava de ter algumas garantias / É o que pensava / Ao menos era isto o que pensava». E como dizia Ítalo Calvino «De uma cidade não gozes as sete ou as setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá a uma tua pergunta» e estas canções são seguramente a resposta à pergunta de um mundo mais justo e igualitário com todos.

m.diotto@iusve.it

Camilla



A Boa-noite é servida!

Se me querem escutar ou não, eu tenho a obrigação moral de dizer: as inspetoras também têm ataques de modernidade que preocupam não pouco! Nenhuma de vocês, minhas amigas caríssimas, percebeu que, para acompanhar os tempos, as nossas corajosas e santas superiores alteram uma das mais belas tradições que o Instituto nos deixou? Sim, até mesmo a boa-noite, de salesiana memória, acabou triturada pela época de hoje!

Mas pergunto: vocês já frequentaram um daqueles exercícios espirituais em que se pretende revolucionar a todo custo os nossos hábitos saudáveis? Bem, digo-lhes que, eu sim, estive lá, e lhes garanto que são um verdadeiro atentado à nossa identidade! Em geral, depois da primeira conferência do pregador, tem início um momento longuíssimo de silêncio e reflexão pessoal que culmina nas celebrações da noite. Seria também uma bela experiência se não fosse o fato de que, na maioria das vezes, sacrifica o encontro com a inspetora que, privada de uma oportunidade de ouro para atender as Irmãs, subtrai à boa noite, um substancial espaço de intervenção.

E assim, este belo momento dos nossos dias é transformado em uma espécie de sermão noturno que, após uma jornada inteira de oração, não desperta tanto entusiasmo, interesse e vontade de ficar escutando:

os votos, a oração, a vida fraterna, a missão e, neste ano, também o Capítulo Geral. Em suma, naqueles (poucos por definição...) minutos que encerram a jornada devemos ficar por dentro das recomendações de um ano inteiro sobre todos os temas imagináveis... Será possível?

Quando eu era Irmã jovem falava-se jocosamente que os "2 ou 3" minutos sugeridos por Dom Bosco como tempo ideal para uma boa-noite, iriam ser transformados em "203" minutos pelas diretoras muito zelosas. Era obviamente uma brincadeira (203 minutos são quase três horas e meia e, de forma alguma, um piscar de olhos), mas muitas inspetoras de hoje (acreditem-me, documentei-me acuradamente), conscientes do exagero, parecem haver tirado o "zero", mantendo apenas os outros dois algarismos.

Pergunto-me: será que não estão convencidas, em seus corações, de que, no fundo, 23 minutos bastam apenas para restituir às Irmãs o que lhes foi subtraído?

Além disso, de diretoras que, sempre com maior frequência, substituem a boa-noite pelo telejornal, o jogo de damas, os pequenos trabalhos para o dia seguinte e outras coisas mais, está cheio o mundo!

Palavra de C.

No próximo número

DOSSIÊ: ALARGAI O OLHAR... MISSIONARIEDADE

A missionariedade não é apenas questão de territórios geográficos, mas de povos, de culturas e de pessoas.

A vida cresce e amadurece na medida em que se doa pela vida dos outros.

Todos somos enviados pelas estradas do mundo para caminhar com os irmãos, testemunhando a fé em Cristo e anunciando o seu Evangelho.

CULTURA ECOLÓGICA: A MENSAGEM DA BIODIVERSIDADE

A agrobiodiversidade é o fruto do encontro de cultura e natureza.

É expressão das diversas civilizações que ao longo dos séculos

encontraram nas diversas áreas habitadas do planeta,

modos variados de produzir alimento, modelar paisagens,

inventar as mais incríveis soluções técnicas.

FIO DE ARIADNE: O RECONHECIMENTO DO OUTRO

Dinamismo comunitário de preferências e repulsões.

Consequência sobre as pessoas e sobre a comunidade:

invejas, divisões, contraposições, dependências.

Perspectivas de desbloqueio.

COMUNICAR: COMUNICAÇÃO E ANIMAÇÃO

Criar participação e aceitar ser envolvidos,

na ótica de uma construção compartilhada de processos educativos

e comunicativos.

CARISMA E LIDERANÇA: PENSA DE QUE MODO FAZER-TE AMAR

As temáticas enfrentadas no texto,

com referências carismáticas a Dom Filipe Rinaldi são:

sigilo e confiança, suspensão do julgamento,

chaves de uma boa animação.

**da mihi animas:
o nosso modo
de crescer juntas**



**QUEM SABE QUE É AMADO, AMA,
E QUEM É AMADO OBTÉM TUDO,
ESPECIALMENTE DOS JOVENS.**

DOM BOSCO

